



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



EMANUEL SANTOS FERREIRA

Cartas Pastorais Paulinas: Uma Análise Histórica e Proposta Didática

Mariana

2025

EMANUEL SANTOS FERREIRA

Cartas Pastorais Paulinas: Uma Análise Histórica e Proposta Didática

Monografia apresentada ao curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção de título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Duarte Joly

Mariana

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F383c Ferreira, Emanuel Santos.
Cartas pastorais paulinas [manuscrito]: uma análise histórica e proposta didática. / Emanuel Santos Ferreira. - 2025.
51 f.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Duarte Joly.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Apóstolos. 2. Historiografia. 3. Teologia - Estudo e ensino. 4. Literatura. 5. Judaísmo. I. Joly, Fábio Duarte. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94:27-248.4

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Emanuel Santos Ferreira

Cartas Pastorais Paulinas: Uma Análise Histórica e Proposta Didática

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em 15 de setembro de 2025

Membros da banca

Prof. Dr. Fábio Duarte Joly - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles - Universidade Federal de Ouro Preto

Fábio Duarte Joly, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/09/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Duarte Joly, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/09/2025, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0978156** e o código CRC **E188F98A**.

Em memória a outro grande Paulo, ao pastor e amigo
Paulo Roberto do Amaral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos que fiz durante esses quase quatro anos. Todos terão um lugar especial em minha memória. Colhi amizades tanto na Pedagogia quanto nas Letras, mas guardo um espaço especial para aqueles que mais me ajudaram por um período maior de tempo: os colegas do curso de História Afrânio, Victória, Maurita, Vanessa e o outro Emanuel. Os colegas da Pedagogia são muitos; eles saberão a quem me refiro.

Agradeço também a todos os meus familiares, sem nenhuma distinção: meus tios, que cuidaram de mim quando eu era mais novo, enquanto meus pais trabalhavam; minha avó, que sempre tem algo no forno quando chego do serviço; minha mãe, que inseriu a família no ambiente universitário (ela cursou Geografia e nunca parou de estudar, mesmo "depois de velha", como ela mesma se refere), sendo meu incentivo; e meu pai, com quem eu sempre tive as melhores "conversas teológicas" na cozinha de casa, homem de valor. Muito obrigado a todos.

Por fim, agradeço a todo o corpo docente dos cursos de História e Pedagogia, que me ajudaram a evoluir como futuro professor. Vale citar também aqueles que mais estiveram presentes nessa caminhada e que contribuíram para a evolução da minha escrita acadêmica: Álvaro, Sérgio, Helena, Marco Antônio, Ana Mônica, Bruno e Fábio Joly, que, além de professor, se tornou um amigo. Obrigado a todos pelo empenho e dedicação.

Seria no mínimo ingratitude da minha parte não lembrar daquele que foi meu melhor amigo nesse período. No trabalho que se segue, procurei ser o mais historiador possível, focando pouco naquilo que foge às ações dos homens no tempo. Aqui, no entanto, não posso deixar de mencionar aquele que esteve comigo durante todas as aulas e, de alguma forma, me encorajou quando pensei em desistir: obrigado, Jesus. Que tudo o que foi produzido seja para a sua honra e glória.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal uma análise historiográfica das pastorais paulinas e da Carta a Filemom. Antes disso, porém, há uma contextualização necessária acerca da história do povo judeu e sua preocupação com sua descrição, fato inaugural na escrita do mundo antigo que influencia a escrita de Paulo e Lucas. Esses cristãos do primeiro século faziam parte de uma cultura judaica inaugurada por volta de 900 a.C. e influenciada pelo senso de pertencimento a uma história, que teria se iniciado com a descrição da história do rei Davi presente nos livros de Samuel. O material também apresenta uma análise aprofundada da literatura neotestamentária e uma descrição da história do apóstolo Paulo e de sua produção, discutindo suas estratégias textuais e seu alcance, que gerou comunidades em várias cidades do mundo em sua época. Está montada uma possível transposição didática com a temática das cartas bíblicas, principalmente as paulinas, que dizem muito sobre seus contextos e as relações sociorreligiosas da época, além de terem importância ao longo da formação de várias de nossas sociedades, tornando importante o conhecimento e a compreensão dos textos em nossas aulas de história.

PALAVRAS-CHAVE: Apóstolo Paulo, Historiografia, Teologia; Literatura, Judaísmo.

ABSTRACT

The main objective of this work is a historiographical analysis of Paul's pastoral letters and the Letter to Philemon. Before that, however, it is necessary to contextualize the history of the Jewish people and their concern with describing their history, an inaugural fact in ancient writing that influences the writing of Paul and Luke. These first-century Christians were part of a Jewish culture that began around 900 BC and was influenced by a sense of belonging to a history that began with the description of King David's story in the books of Samuel. The material also presents an in-depth analysis of New Testament literature and a description of the history of the apostle Paul and his work, discussing his textual strategies and their reach, which generated communities in various cities around the world in his time. A possible didactic transposition has been put together with the theme of biblical letters, especially those of Paul, which say a lot about their contexts and the socio-religious relations of the time, in addition to being important throughout the formation of several of our societies, making knowledge and understanding of the texts important in our history classes.

KEYWORDS: Apostle Paul, Historiography, Theology; Literature, Judaism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA CRISTÃ	
1.1 <i>Formula pistis</i> (de fé)	12
1.2 Fórmulas Querigmaticas.....	12
1.3 Fórmulas cúlticas sobre a ceia do Senhor.....	13
1.4 Fórmulas acerca do dever batismal.....	13
1.5 Orações e Cantos.....	14
1.6 Parênese.....	15
2 PAULO, DE PERSEGUIDOR A PERSEGUIDO	
2.1 Um perseguidor feroz.....	18
2.2 Um remido sofredor	19
2.3 Início da trajetória	20
3 AS VIAGENS E O CORPUS	
3.1 A primeira viagem paulina	22
3.2 A segunda viagem paulina.....	25
3.3 A terceira viagem paulina	29
4 A CARTA AO SENHOR FILEMON E AS PASTORAIS	
4.1 A carta a Filemon	36
4.2 Questões sobre autoria	38
4.3 Os destinatários e as pastorais.....	38
4.4 O combate aos falsos mestres, teologia e religiosidade das pastorais	40
4.5 A última carta paulina que temos registro.....	41
4.6 Um testamento de despedida	42
5 PAULO, APRESENTADO DE FORMA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.....	46
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

Certa vez fiquei responsável por levar uma pequena palavra ao grupo de jovens da minha igreja local, e, concomitantemente, Marco Telles lançava o seu primeiro sermão cantado, de título “Amado Timóteo”.¹ Neste sermão Telles traz o que chama de “as últimas palavras do grandioso apóstolo”, expondo o texto da forma mais poética e filosófica possível de uma maneira nunca antes vista por mim. Portanto, eu tinha assim um texto base, e então comecei a planejar aquela noite. Teria de ser algo como um seminário escolar, pois assim como o jovem Timóteo, eu não tinha, e talvez ainda não tenha, a destreza de um apologeta experiente, mas já havia apresentado trabalhos algumas vezes no ICHS. Li assim o texto, separei as melhores imagens, mas ainda me faltavam alguns personagens fora do texto bíblico, que me serviriam de exemplo para ilustrar as preocupações do velho Paulo com o futuro da pregação do evangelho.

Em minha concepção a obra recentemente conhecida por intermédio da professora de Introdução ao estudo da história, Helena Mollo, “Apologia da História”, de Marc Bloch, seria um bom exemplo, pois vi nas preocupações do autor com o “fazer história”, certa semelhança com as do velho Paulo em favor da exposição do evangelho, todavia guardando suas devidas diferenças. Paulo estava para jovens pregadores, assim como Bloch, para estudantes de história, ambos como mentores preocupados com seu campo de atuação. Mas, para tanto, eu deveria explicar o motivo pelo qual apresentava um letrado de fora do campo da teologia ao contexto, e busquei demonstrar as preocupações de Bloch na busca dos mínimos vestígios históricos, procurando a melhor forma de contar a história em questão, com pesquisa amparada até mesmo em outros campos do saber, como, por exemplo, na geologia e filosofia.

Paulo, por sua vez, na sua carta aos colossenses, pede para que eles se unam em entendimento buscando conhecer os mistérios de Deus que, para Paulo, é quem detém toda a sabedoria e conhecimento. Palavras como sabedoria e ciência são muito usadas pelo apóstolo em todo seu acervo se referindo à melhor forma de apresentar a boa nova do evangelho de Cristo.

Proponho o mesmo exercício inicial neste trabalho. Procuo explicar a escolha dessa parte da historiografia paulina. Todavia não se trata de uma justificativa para trazer alguns fragmentos neotestamentários ao debate universitário, algo comum desde o século

¹ Telles, AMADO TIMÓTEO - VERSÃO COMPLETA. YouTube, 2021. Disponível em: https://youtu.be/iSh5wFm-sSY?si=fOcxzof_CjdUvN0-. Acesso em 28/07/2025.

XIX com nomes como Martin Dibelius e Franz Overbeck, que trataram dos evangelhos por uma perspectiva histórico-literária, afirmando ser uma literatura com padrões únicos em si, dotada de forma original distinta das literaturas circundantes, e também Ernest Renan que aponta ideais universalistas no cristianismo, logo em seus primeiros passos.

Também não se trata estritamente de trazer uma história de criação das comunidades paulinas e todos os contextos de produção das cartas. Ana Paula Scarpa, em “A formação das primeiras *ekklesiai* no Mediterrâneo antigo: Fronteiras e Integração nas epístolas de Paulo de Tarso”, realizou de forma exímia, partindo das propostas de “conectividade mediterrânica” com a tese de mediterrâneo híbrido de autores como Ian Morris e Norberto Guarinello. Ela trata das formas com que Paulo teria se aproveitado do contexto glocalizado para propagação de suas cartas, utilizando-se das trocas culturais que ocorrem nas fronteiras étnicas de seu mundo, para espalhar a nova filosofia. o que me serve como uma das fontes.

Minha proposta gira em torno de uma descrição historiográfica das cartas pastorais paulinas e da carta a Filemom, seus pontos em comum e a aplicação ao contexto do ensino de história antiga atualmente. Recorro sobretudo às propostas de Gerhard Von Rad. Este autor sugere que a historiografia deve surgir da interação política social, e argumenta que vários povos fizeram história ao longo dos séculos, porém para se tratar estritamente de uma obra historiográfica a escrita deve se dar seguindo uma ordem cronológica em forma de compêndio que deve ser permeado por um fio condutor: os povos escreviam pequenos relatos finalizados em si se preocupando com a descrição de seus eventos, mas não com o necessário sentido histórico.

Von Rad afirma que as preocupações listadas acima estão com o povo hebreu desde seu surgimento. Os hebreus sempre se importaram com o de onde vieram, escrevendo sempre sobre seus patriarcas e suas lendas etiológicas, o que o autor exemplifica com a estória do grande herói Gideão, ainda que esta lenda não seja chamada pelo autor de historiografia, pois tudo nessa passagem é um feito divino, o herói aqui é apenas uma ferramenta, Yahweh é o início e o fim dessa história. A emergência da primeira historiografia que temos registro é percebida por Von Rad na chamada sucessão ao trono de Davi. O autor inicia retratando a figura do rei, a pessoa de Davi que representa ao mesmo tempo um exemplar estadista expansionista dotado de extrema razão e também o homem fraco frente às paixões, capaz de assassinar em benefício próprio. A história se segue e o Davi sujeito de suas ações é o ator histórico de seu futuro, seu filho Absalon

movido por vingança busca tomar o trono de seu pai, o exército fiel a Davi resolve o problema matando o filho rebelde, e aqui nestas páginas está para Von Rad uma descrição perfeita dos eventos. O autor do livro de Samuel é um historiador e se trata de uma obra historiográfica em estado puro, todos os personagens são destrinchados no texto e o fio condutor do compêndio não os deixa desaparecer em momento algum. Deus não é escanteado e as ações dos profetas (Samuel e Natã) são de suma importância para o decorrer dos fatos, mas a história é sobre Davi. Von Rad está afirmando que Deus é o maior agente histórico do povo hebreu, no sentido de que a figura divina é o motor que fez a historiografia dos judeus surgir. Entretanto, isso ainda não seria ela no sentido estritamente histórico-narrativo, essa novidade aparece no momento em que o grande Rei tem sua história ou parte dela relatada, seu povo e seu reino, os homens em seu tempo, como diria Bloch.

Neste trabalho também adoto semelhante estratégia. Centrar-me-ei estritamente nas ações do apóstolo Paulo, em suas quatro cartas enviadas a três amigos fiéis. Trata-se de recomendações de alguém que se porta como um mentor, e tais cartas, escritas como epístolas, eram entregues a seus cooperadores e deveriam ser propagadas pela leitura ao público nas *ekklesiai*, nas casas, lidas a toda a comunidade. Mas antes de falar propriamente de Paulo, falarei do contexto de escrita da igreja, dos padrões literários já empregados pelos discípulos de Jesus mesmo antes da conversão de Paulo ao cristianismo.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA CRISTÃ

Sobre literatura cristã, Philipp Vielhauer recorre ao programa analítico proposto por Martin Dibelius, em sua *História da literatura Cristã primitiva*. Dibelius acerca da mensagem cristã afirma que:

ela é anunciada por pessoas históricas e se manifesta em acontecimentos históricos. Quem quer apresentar o surgimento do cristianismo deve analisar como a mensagem cristã ganhou forma deste modo. Como um dos elementos desse processo de formação, porém, consta o fato de que cristãos escreveram, enviaram e trocaram cartas, bem como o fato de terem escrito livros de conteúdo didático, edificante e narrativo e os divulgaram. O historiador literário do cristianismo primitivo que quer tornar compreensível o surgimento desses escritos deve mostrar, portanto, como surgiu a atividade literária dos primeiros cristãos. (VIELHAUER, 2005, p. 5)

Vielhauer analisa assim o gênero literário e a posição histórica dos escritos, através de um tratamento histórico-formal e dispõe os gêneros textuais em sua obra da seguinte forma: carta, apocalipse, evangelho e atos. Carta é todo o documento epistolar, ou seja, tudo aquilo que é escrito na forma mais didática possível e enviado por intermédio de um colaborador a uma comunidade fundada por um dos apóstolos, de modo que o texto em questão deveria ser lido e compartilhado entre os fiéis. O apocalipse é um escrito acerca dos acontecimentos escatológicos vindouros, de autoria do discípulo João. Evangelhos são os quatro textos que relatam a vida e mensagem de Cristo, sendo eles os três sinódicos, que seguem um mesmo padrão de escrita, tamanho e descrição dos acontecimentos (Mateus, Marcos, Lucas) e João que adota padrões um pouco diferentes frente à narrativa da vida de Jesus. Por fim, Atos que são os escritos que contam como a igreja caminhou após a morte do Cristo, relatando com detalhes as viagens e os feitos dos discípulos e posteriormente dos apóstolos.

Portanto, Vielhauer constrói sua análise do Novo Testamento a partir das fórmulas literárias utilizadas na escrita do mesmo, fórmulas estas que estão pré-estabelecidas desde

os primórdios da escrita cristã primitiva, sendo percebidos desde a passagem da oralidade de Jesus para a construção da filosofia de Cristo em forma de tradição teológica textual, como, por exemplo, os hinos e as admoestações que são formas de escritas presentes no que hoje chamamos de capítulos e versículos. As fórmulas observadas por Viehauer são descritas a seguir:

1.1 *Formula pistis* (de fé)

Tal fórmula de escrita descreve no texto o testemunho de que Jesus, sendo filho de Deus, veio ao mundo, viveu entre os homens e morreu, mas ressurgiu dentre os mortos. Essa série de crenças se insere no texto como uma fórmula de fé, acerca da ressurreição, surgindo também um padrão sobre a composição salvífica nos textos seguintes. No que Paulo descreve em suas cartas como “entrega em nosso favor” há também uma composição que se dá por meio da coadunação na mesma frase de morte e ressurreição o que gera no sacrifício de Cristo, uma concepção positiva. A fórmula em questão inaugura a escrita cristã a partir de fórmulas, as seguintes obviamente dependem do método de escrita sobre a fé em Jesus para sua composição.

1.2 Fórmulas Querigmáticas

A forma de transmitir a mensagem cristã foi se tornando com o passar dos anos cada vez mais importante, principalmente quando a mesma transpassou os limites da região da Judeia. Paulo, escrevendo aos tessalonicenses, descreve um resumo sobre a conversão: o povo de Tessalônica deveria se afastar das velhas práticas e dos velhos deuses, para aderir à filosofia de vida surgente, apresentada pelo apóstolo; já aos judeus, a quem a mensagem também deveria ser entregue, se adota uma outra estratégia, os escritores trazem o Jesus membro da linhagem de Davi, visando afirmar que Jesus era um membro da linhagem do grande rei; portanto, além de ser o Rabi (mestre) dos discípulos, seria também o messias esperado pelo povo, promovendo uma espécie de qualificação genealógica daquele que cumpre as velhas profecias. Ambas as formas apresentadas, ainda que partam de uma estratégia diferente, visam o mesmo objetivo: a conversão de não-cristãos, sejam judeus ou gentios.

1.3 Fórmulas cúlticas sobre a ceia do Senhor

O padrão de escrita geralmente se dá na forma de instituição do memorial da ceia em várias oportunidades como em Mateus, 26, onde o relato sugere um padrão estipulado pelo próprio Cristo, uma obrigação para os crentes fiéis que firmaria a aliança e os afastaria de seus pecados. Paulo, por sua vez, escrevendo aos coríntios que estavam cometendo erros quanto a forma de se prosseguir com a ceia, descreve a cerimônia com riqueza de detalhes, caracterizando-a como uma peça da tradição pré-existente na forma de uma *paradosis* antiga (transmissão de uma tradição anterior), e constrói uma ordem para o memorial a Cristo com as seguintes palavras: “Pois recebi do Senhor o que também entreguei a vocês: Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim”. Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto sempre que o beberem em memória de mim. Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha” (1 Coríntios 11: 23 - 26).

1.4 Fórmulas acerca do dever batismal

Não existem fórmulas litúrgicas de como se dá o exercício de um batismo, o que se tem registro são ordens sobre o dever de o fazer, sugerindo que a boa militância da fé em Cristo seria iniciada frente às testemunhas por meio de uma imersão nas águas, como descrito no evangelho segundo Mateus: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus, 28:19). O texto sugere a preocupação para com a pregação da mensagem, propondo que a adesão ao corpo cristão se iniciaria com o batismo, tendo no fim do texto uma aclamação à autoridade de Deus manifestado em três pessoas, sugerindo que o batismo é um compromisso firmado com os irmãos, mas sobretudo com o divino.

Ernst Kasemann percebe certa construção litúrgica batismal em textos que não focavam estritamente no batismo. Para ele, a construção textual desses estaria ligada à transformação de vida buscada no batismo cristão que fora inaugurado pelo profeta João (primo de Jesus). De acordo com Kasemann, a parte final da carta aos colossenses no capítulo 1 tem ligações com o evento batismal, quando evoca a salvação de um mundo em trevas, o transporte para o reino de cristo e a participação na herança dos filhos da luz.

Logo, a concepção do batismo já estava presente no imaginário cristão em todos os seus escritores, mesmo que não tenhamos um modelo estrito de o fazer.

1.5 Orações e Cantos

Dentro da tradição cristã primitiva, temos registro das chamadas orações cúlticas, cujo exemplo são as duas orações do Pai nosso, uma mais curta presente no Evangelho de Lucas (11: 9-13) e outra mais longa que apresenta uma doxologia (glorificação do divino dentro do cristianismo) ao fim, presente no Evangelho de Mateus (6: 9-13). Há também a chamada “oração de Lucas” presente nos atos dos apóstolos 4: 24-30, que afirma estar em Deus a criação de tudo e que até o mal que sobreveio aos cristãos estava conforme seus desígnios, e termina com um pedido por capacitação frente aos desafios vindouros.

As doxologias de dito de louvor, que aparecem geralmente nas conclusões de cartas e evangelhos, são escritas majoritariamente da seguinte forma: “A ti seja a glória pra sempre” em forma de uma eulogia em nome de Deus pai, seguindo uma tradição judaica e especificamente na segunda carta a Timóteo (4:18), ao próprio Jesus. Deve se afirmar que é difícil distinguir um canto de uma prosa rítmica dentro do novo testamento; pelo contrário, os hinos dos salmistas são percebidos de forma mais clara.

Há, porém, dentro do evangelho de Lucas alguns cantos de influência pré-cristã que são autênticos hinos escatológicos. São eles o *Magnificat* (Lc 1: 46-55), *Benedictus* (Lc 1: 68-69), *Nunc dimittis* (Lc 2: 29-32), não sabemos se de autoria do próprio Lucas, ou se ele inseriu de uma tradição pré-existente. Os cantos cristológicos presentes na carta aos filipenses são de influência clara, pois neles Paulo cita um canto bipartido pré-paulino coadunando no capítulo 2, versículos 6 ao 8, humilhação, e de 9 ao 11, exaltação. Já na primeira carta a Timóteo no capítulo (3:16), temos um canto montado com três pares de antíteses que descrevem o mundo celestial e terreno em sequência, provavelmente influenciado pela descrição ritual egípcia da época helenista, como descreveu E. Norden. Possivelmente o autor havia lido algo sobre a entronização ritualística das cerimônias egípcias.

1.6 Parêneses

As parêneses são discursos de admoestação moral e no cristianismo primitivo geralmente são peças de uma tradição, escritas na função imperativa com formas generalizantes, onde o autor visa atingir mais de uma comunidade e não apenas aquela cujo a carta foi endereçada, constituindo o que Vielhauer chama de “tratado temático”. Além disso, uma parênese também pode ser escrita em forma de catálogos que seriam virtudes e defeitos dispostos de maneira sequenciada como por exemplo na carta aos Colossenses (3: 5-8) que coloca uma série de pecados e a forma de os superar, mortificando a carne. A ênfase na descrição seriada das más ações sugere uma estratégia de memorização que serviria para superá-las.

A origem da escrita em parênese não se dá na ascensão do cristianismo primitivo, sendo ela diferente da maioria dos escritos cristãos (atos, evangelhos). Possivelmente se originou no mundo grego ou no judaísmo, e aparece principalmente em textos de propaganda, tanto filosófica quanto religiosa, com exemplos tanto nos provérbios de Salomão quanto nas dissertações de Epiteto. Contudo, é fato que o cristianismo missionário crescente, principalmente o paulino, usou de estratégias anteriores em sua propaganda de ideias. Vielhauer percebe nos chamados catálogos domésticos, ou seja, nas recomendações ao lar, certa influência estoica. O autor afirma que, pela forma, o esquema de catálogos é estranho à escrita do judaísmo palestinese, sendo encontrado na doutrina moral estoica popular.

Todas as fórmulas antes descritas são composições literárias próprias ao cristianismo primitivo ou composições textuais que seguem algo pré-estabelecido no próprio contexto judaico-cristão. Paulo é estratégico ao usar a língua e os padrões dos estrangeiros para influenciá-los, pois como afirma Ana Paula Scarpa, tratamos de alguém com formação ampla em meio a um contexto multiétnico: “Paulo de Tarso, um fariseu educado em padrões helenistas que assumiu para si – sob o epíteto autoatribuído de Apóstolo das Nações [ἐθνῶν ἀπόστολος] (Rm 11,13) – a missão de pregar a judeus e a gentios, por diversas cidades do Leste mediterrânico, um evangelho baseado em preceitos cristológicos. Ao longo das décadas de 40 e 50 EC, Paulo esteve em cidades na Síria, Ásia Menor, Macedônia, Acaia, etc., com o intuito de atuar na formação e/ou consolidação de comunidades socioreligiosas” (SCARPA, 2018, p 23).

Portanto falar do apóstolo Paulo é falar de seu contexto multiétnico, sendo necessário tratar mesmo que de forma resumida de sua formação acadêmica e religiosa, antes de destrinchar propriamente sua produção. A seguir darei foco a uma parte do *corpus* paulino, que acredito resumir bem as ideias de Paulo. Tratarei das cartas pastorais (Timóteo, Tito) e da carta ao senhor Filemom, onde Paulo trata obviamente do cristianismo, mas também de filosofia, vida em sociedade e acerca da escravidão.

CAPÍTULO 2

PAULO, DE PERSEGUIDOR A PERSEGUIDO

Paulo nasceu na província romana de Tarso (atual Turquia), importante centro comercial, famosa por uma vasta educação helênica que rivalizava com outras importantes cidades como Atenas e Alexandria, localizada na região da Cilícia, próximo ao Mediterrâneo. Era filho de mãe judia, ou seja, judeu por nascimento, circuncidado ao nascer, fatos descritos pelo historiador Lucas, no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 22, e pelo próprio Paulo na sua carta aos filipenses no capítulo três, versículos 4,5. O futuro apóstolo possivelmente teria iniciado a educação grego-helenística ainda em Tarso, o que podemos perceber na sua forma de escrita e em seus debates travados ao longo de sua carreira, o que é descrito no livro “Paulo e a educação greco-romana” da seguinte forma: “que a educação de Paulo ultrapassou a etapa secundária [...] e de novo as cartas são o testemunho. Essas cartas, por sua extensão, complexidade e vigor, claramente indicam um autor que recebeu um treinamento continuado em composição e retórica, e era somente durante o currículo terciário que tal instrução era dada” (HOCK, 2008, p. 187).

Membro de uma das tribos de maior prestígio dentro do povo judeu, da linhagem de Benjamim (filho amado do patriarca Jacó, Israel), contexto que o levou em algum momento de sua história à cidade que respirava religião. Em Jerusalém aprende tudo sobre o judaísmo, com um dos maiores precursores do meio, Gamaliel, que foi seu mestre e de tantos outros. Segundo o testemunho do próprio Paulo (frente a uma das várias multidões enfurecidas que enfrentou), seu mestre havia sido um homem zeloso com as coisas de Deus, um instrutor das verdadeiras leis de seus antepassados (Atos 22:3).

Os fatos acima listados dizem muito sobre a produção textual de Paulo, pois entre o mundo greco-romano e o judeu/asiático ele construiu sua sabedoria. Já na cidade de Jerusalém, passa sua juventude entre escribas, doutores, sacerdotes e rabinos, se tornando no sinédrio um dos maiores dentre os fariseus, possuindo um amplo domínio da Torá e das leis judaicas, ao mesmo tempo em que, por intermédio da inserção de seus pais no mundo romano, era poliglota, versado em filosofia e história (atos 17: 18). Paulo era admirado tanto por pessoas simples, como o pescador e discípulo de Jesus, Pedro, que afirmou ser Paulo, detentor de saberes difíceis, tanto por um governador, Pórcio Festo

(procurador da Judéia), que definiu Paulo como “homem de muitas letras” como documentado no livro dos Atos (26:24). Mas todo esse conhecimento acabaria por se esvaír em meio à escuridão do fanatismo, o falso zelo pela lei, que tinha força apenas nas mentes dos membros da seita dos fariseus. O jovem e promissor Paulo, portanto, acabou se tornando o braço perseguidor do sinédrio, e voluntariamente se responsabilizou pelo julgamento e assassinato de todos os membros do “insurgente” grupo dos cristãos.

2.1. Um perseguidor feroz

As ações de Paulo contra os cristãos têm certa particularidade com uma história mais comum ao contexto brasileiro. Paulo perseguia esse grupo de forma parecida com as chamadas “guerras justas”, comuns no território mineiro. Bandeirantes e emboabas se moviam aos interiores do território para matar os indígenas revoltos, com uma carta do próprio governador. Seguindo o argumento de justiça nessa ação, as bandeiras cometiam as piores atrocidades. Paulo utilizava de um *modus operandi* semelhante, por autorização do sinédrio ou até do governador Agripa. Viajava até onde existisse uma comunidade cristã, prendia e levava a julgamento e, em certos casos, até presenciava uma possível execução.

O falso e exagerado zelo é muito perigoso, como afirma o teólogo e pastor Hernandes Dias Lopes no livro “Paulo, O maior líder do Cristianismo”: “O zelo sem entendimento pode ser uma arma perigosíssima. Muitos crimes hediondos têm sido praticados em nome de Deus. Com Paulo, não foi diferente. Ele foi um perseguidor implacável (Gl 1.13). Ele usou sua influência e força para esmagar os discípulos de Cristo. Perseguiu Cristo (At 26.9), a religião de Cristo (At 22.4) e os seguidores de Cristo (At 26.11)” (LOPES, 2009, p. 10.). As ações de Paulo fizeram sua fama se espalhar. Ananias, um cristão de Damasco, descrevia Paulo como um perseguidor (Atos 9:21), posição comum dentre os discípulos de Cristo (Atos 9:21).

O farisaísmo era um dentre os grupos membros do sinédrio. Aqueles que mais preservavam as leis mosaicas e os textos judaicos, eram conhecidos pela pregação que defendia que a lei deveria ser seguida pelos judeus em todos os aspectos da vida cotidiana, praticando-a em rituais judaicos de purificação, celebrações e orações, diferentemente dos saduceus, outro grupo mais liberal quanto aos escritos judaicos, que também fazia

parte do sinédrio. Havia também os zelotes (grupo radical de fora do sinédrio) e os essênios (viviam isolados da cidade, em Qumran), que compunham o judaísmo de uma forma geral. Paulo dentro do grupo dos fariseus era um dos mais radicais, ele não conseguia aceitar a fama, mesmo que pequena do Nazareno.

2.2. Um remido sofredor

A remissão dentro da cosmovisão cristã está intimamente associada a um arrependimento genuíno que se manifestava em ações. Escreve Mateus “produzi pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:8), sugerindo que um arrependimento digno e eficaz gera frutos. Lucas, no livro dos Atos, produz uma descrição perfeita acerca do tema: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor” (Atos 3:19). Pode parecer controverso, o assassino de cristãos, se tornar um dos maiores dentre eles, pode parecer estranho a possibilidade de perdão a alguém tão mal, mas o futuro de Paulo nos mostrará seus frutos.

Paulo participou do primeiro martírio registrado no Novo Testamento. Foi ele quem segurou as vestes dos executores do jovem pregador Estevão, morto por apedrejamento (prática comum dentro do judaísmo). Paulo perseguiu cristãos até mesmo no lugar sagrado do Templo, escorraçando e os açoitando. Seu objetivo era devastar o grupo, até que não existisse mais nenhum sequer, mesmo que para cumprir essa lei singular ao grupo, ele descumprisse todas as outras, o que o levou até o longínquo caminho de Damasco, onde ocorre a troca de papel de Paulo, de perseguidor de Cristo, a apóstolo do mesmo, a quem outrora perseguia.

Marchava Paulo junto a uma comitiva do sinédrio, convicto de sua missão, até que algo sobrenatural lhe aconteceu (o que não detalharei com exatidão aqui, pois pertence única exclusivamente ao campo da teologia, mas está relatado em Atos 9:17). O que pode ser relatado nesse trabalho, é que o intelectual e fanático, Paulo, já tinha sua consciência aferroada havia algum tempo, a convicção e em casos até certa alegria que os cristãos tinham no rosto ao morrer, aquelas pobres criaturas amarradas ou ajoelhadas ao chão, com vestes ensanguentadas, guardavam na feição uma paz que Paulo nunca havia sentido, gerando nele serias dúvidas. Contudo suas amarras iam pouco a pouco, caindo uma a uma, deixando aquele homem cheio do mais puro fanatismo em paradoxo.

Hernandes Dias Lopes postula que a guinada paulina no caminho de Damasco é um dos maiores movimentos da história da humanidade. Para o autor, as cartas de Paulo, desde a Idade Média até hoje, estão entre as produções mais conhecidas, estudadas e debatidas da história. (Dias Lopes, 2009, p.18). O evento se sobrenatural, ou consciente, se uma coisa fora do campo físico, ou algo dentro da mente de Paulo, não cabe aqui, o fato é que ali naquela estrada algo aconteceu que deixou o perseguidor humilhado ao chão, bagunçando sua mente, o olhar decidido do jovem mártir, Estevão, esteve na mente de Paulo, durante todo o caminho. O intelecto de Paulo, antes irreduzível, deu lugar a consciência, fazendo do perseguidor, um futuro perseguido.

2.3. Início da trajetória

Paulo, depois de Cristo, recebe a visita daquele que antes o acusava com razão. Ananias, vai ao encontro de Paulo como um esclarecedor, o que encoraja Paulo a pagar pelos seus erros. Após um período de estudos de três anos na Arábia, Paulo, finalmente, completa o caminho, chegando a Damasco, onde expõe tudo que aprendera e produz seu primeiro discurso cristão (Atos 9:22), estabelecendo, Jesus, outrora desprezado pelo mesmo, como seu salvador e filho do Deus que ele sempre acreditou. Paulo sofre ali severa resistência, tendo que fugir dos muros da cidade dentro de um cesto. Decide depois ir a Jerusalém e ao chegar sofre com a rejeição novamente, porém desfruta de acolhimento. Boa parte dos discípulos desconfia de suas intenções (Atos 9:26), todavia encontra em Barnabé um bom testemunho. Este havia tomado conhecimento da pregação paulina em Damasco, relatando-a aos pares, o que fez a maioria dos discípulos deixar a desconfiança de lado.

Portanto, o outrora perseguidor, se tornava então, um membro do grupo dos cristãos, confiante e animado até de forma exagerada. Ele vai aos judeus, espalhando as boas novas, com o máximo de desenvoltura possível, mas com pouco sucesso, encontra massiva resistência (Atos 9: 28-29). Logo se frustra, tendo novamente um duro golpe em seu ego, a frustração o leva a sua cidade natal, em Tarso, o jovem cheio de planos, cai no ostracismo, que duraria catorze anos. O apóstolo quis encurtar etapas, e, a duras penas, aprende com o exemplo de seu mestre, que começou sua carreira apenas aos trinta anos.

Barnabé, aquele mesmo que havia testemunhado em favor de Paulo, trabalhava em prol de uma comunidade em Antioquia (terceira maior cidade do mundo à época,

capital da província romana da Síria), e se lembra do antes esquecido, Paulo, juntando-o a sua comitiva. Assim, Paulo inicia propriamente seu ministério, como um aluno, espalhando a mensagem cristã na cidade, junto a seu professor Barnabé. A cooperação da dupla cria no coração da igreja uma comunidade fiel que orava e jejuava. A convite, Paulo vai à sinagoga da cidade e lá produz uma extraordinária síntese da história de Israel, fala dos patriarcas, do período no Egito e também sobre o rei Davi, estabelecendo ao fim da exposição, Cristo, como herdeiro de toda essa história e responsável pela salvação do mesmo povo que a guardava. Afirma ainda que o mesmo povo não havia entendido a mensagem de seus próprios profetas, tramando a morte do maior dentre eles (Atos 13: 16-41). Posteriormente, Paulo irá se separar de Barnabé, não por orgulho, mas visando abrir novas frentes de pregação.

CAPÍTULO 3

AS VIAGENS E O CORPUS PAULINO

Paulo pregava a palavra usando dos melhores meios, ajuntando judeus e gentios, criando pontes de contato, a necessidade de estratégia para a propaganda do evangelho, percebida na ação paulina é descrita por Hernandes Dias Lopes da seguinte forma: “Precisamos de pontes de contato para atingir com eficácia as pessoas. Precisamos ler a Bíblia e ler o povo. Precisamos conhecer o texto e o contexto. Precisamos ler a Escritura e também a cultura. É sábio aproveitar as portas abertas da cultura religiosa para anunciar o evangelho.” (LOPES, 2009, p. 23.), para tanto Paulo viajou e se arriscou muito pelo mundo de sua época.

3.1 A primeira viagem paulina

Junto a Barnabé e Marcos, o apóstolo chega a Pafos (cidade portuária localizada a sudoeste do Chipre), encontrando-se, logo em seguida com o procônsul da cidade, que se interessa pela mensagem, escutando com atenção as palavras, o que gera em um adivinho de nome Barjesus uma enorme insatisfação, levantando-se contra eles com veemência. Paulo assume a autoridade do grupo, debatendo com o adivinho e o repreende publicamente, logo em seguida. dando a missão na cidade como finalizada, Paulo e Barnabé se separam, e Paulo decide se deslocar a Perge da Panfilia. Durante a viagem, Marcos, o mais jovem dentre a comunidade, temendo o deslocamento de cidades costeiras, para cidades continentais, se separa da comitiva indo para a sua casa em Jerusalém. A viagem continua, mas já surgiam na região efeitos da passagem de Paulo em Antioquia. O discurso paulino comoveu muitos corações tanto de judeus, quanto de gentios. Todavia os ventos da perseguição começavam a soprar no coração de judeus, que buscavam manipular autoridades contra Paulo e companhia.

Paulo e Barnabé, novamente se juntam, em viagem com destino a cidade de Icônio, felizes pelos frutos colhidos em Antioquia, pregando diariamente com veemência nas ruas de Icônio, em meio a multidões. Aí surgiram muitos adeptos, inclusive o cooperador, Tércio, que foi um dos ajudadores de Paulo na transmissão das suas cartas, todavia um grupo de perseguidores judeus se inflava ali. A comissão se vê ameaçada pelo

discurso desses judeus, que constroem dentro de parte da multidão (autoridades e gentios), argumentos para apedrejá-los (Atos 14: 5,6). Partiram então para Listra e Derbe (cidades da região montanhosa da Frígia, na Ásia Menor), temendo que pudessem enfrentar problemas mais graves em Icônio, mas continuando a prosseguir no seu ideal de forma tão responsável quanto possível. A presença da comitiva em Listra fez surgir entre os licônios uma falsa percepção: os discursos e orações da dupla levaram as pessoas a considerá-los deuses vindos do céu. Vendo aquilo, os apóstolos rasgaram as suas vestes e afirmaram de forma enfática a sua humanidade, fugindo de toda a bajulação (Atos 14: 14-18). Posteriormente os perseguidores conseguem atingir a Paulo, levando-o ao apedrejamento, ele é deixado ao chão, aparentemente morto.

No entanto, as feridas não eram fatais. Paulo era um homem convicto da sua missão e, logo que se recuperou, reuniu novamente a comitiva e rumou a Derbe, onde espalharam o evangelho e fizeram muitos discípulos. A passagem pelas cidades foi breve, mas muito importante, pois foi aí que Paulo conheceu Timóteo e a sua ilustre família, que aceitaram facilmente a mensagem. A comitiva decide regressar às cidades anteriormente visitadas. Não fugindo à tensão, estabelecem Antioquia como centro das suas comunidades. A cidade funcionaria como um polo. Regressam a Listra e Icônio. A estratégia era manter a esperança das comunidades, fortalecendo cada um dos discípulos e elegendo lideranças que cuidariam do rebanho. A porta do mundo gentílico para o evangelho estava a abrir-se (Atos 14:27). Os paganismos iam dando lugar ao cristianismo. Hernandes Dias Lopes descreve este momento do ministério paulino de forma precisa:

Não há trabalho missionário desconectado da igreja local. Não há ministério itinerante sem a ligação com a igreja. Paulo e Barnabé precisam da igreja, e a igreja precisa dos missionários. Eles se abastecem na comunhão da igreja e também encorajam a igreja a ser ainda mais comprometida com a obra missionária. (LOPES, 2009, p. 29.)

Hernandes destaca a importância de um lugar central para Paulo, tanto para refúgio quanto para a propagação da mensagem. Paulo precisava de pessoas para tornar Cristo conhecido e também para ter contato. Essas pessoas se tornavam seus amigos. Todo o trabalho fora das fronteiras da Judeia são as marcas e a história do “apóstolo dos

gentios”. Paulo e Barnabé retornam a Jerusalém com o objetivo de firmar ainda mais a universalidade do cristianismo. No primeiro concílio cristão, liderado pelos discípulos Pedro e Tiago (irmão de Jesus), a dupla sacudiu ainda mais o jugo do falso judaísmo. A Igreja crescia, mas ainda possuía adeptos em sua maioria judaicos, o que gerava algumas problemáticas entre os cristãos, que levantavam questões sobre a circuncisão de gentios e o cumprimento das leis mosaicas. Diante das questões, Paulo e Barnabé Argumentaram que a salvação está única e exclusivamente na graça jesuína, obtida por meio da fé. Ao fim do concílio, ficou estipulado que nenhum novo cristão gentílico precisaria cumprir as normas judaicas, mas deveriam deixar os outros deuses, abandonar a promiscuidade sexual e o consumo de alimentos com sangue.

As novas diretrizes estabelecidas ao fim da reunião representaram um marco da expansão cristã pelo mundo, pois todo estrangeiro poderia ser alcançado. As decisões tomadas na reunião expressavam uma unidade dentro da comunidade quanto a todas as questões de ordem geral. As questões teológicas de menor expressão deveriam passar pelo crivo dos registros anteriores. As questões presentes no concílio são tão latentes no cristianismo primitivo. Certa vez, Paulo chegou a repreender Pedro, que, em uma ocasião na cidade de Antioquia, comia carne de porco até perceber a chegada de um grupo de cristãos da Judeia. Pedro rapidamente se afastou do prato e dos gentios com quem comia. Paulo, então, afirmou a todos que Pedro agia de forma hipócrita diante da situação, e Pedro se constrangeu por estar se importando mais com a opinião daqueles do que com a questão da salvação (Gálatas 2:11-14).

Posteriormente, na mesma carta, Paulo chamará Pedro de "o apóstolo dos circuncisos", reconhecendo o ministério do discípulo e afirmando os diferentes campos de ação de ambos. Pedro, por sua vez, em uma de suas cartas posteriores ao fato, chamará Paulo de "amado irmão". A estratégia de Paulo de aproximar todos os povos da mensagem de Jesus é exposta pela autora Ana Paula Scarpa da seguinte forma: "era preciso que suas proposições pudessem abarcar a todos, tanto judeus quanto gentios, e para isso foi necessário que determinadas fronteiras, outrora atuantes na segregação, fossem flexibilizadas e/ou transformadas em fronteiras de integração". (SCARPA, 2018, p. 93). Paulo, posteriormente na carta aos romanos vai afirmar, que não pode haver nenhuma distinção entre judeus e gregos que todos estão debaixo do mesmo senhorio, do mesmo Deus (Romanos 10,12-13).

3.2 A segunda viagem paulina

Todo pastor fiel anseia pelo encontro com seu rebanho no deserto (Salmos 23:1-4). Paulo precisa ir a Antioquia da Síria, mas Barnabé quer continuar na companhia dele e levar também seu sobrinho Marcos. Paulo rejeita veementemente a ideia, devido à desistência anterior de Marcos, e assim a comitiva se divide em dois grupos de trabalho: Barnabé e Marcos vão ao Chipre, e Paulo e seu mais novo companheiro, Silas (membro proeminente da Igreja de Jerusalém), vão à Cilícia da Síria. Paulo ainda recrutou mais um cooperador: o jovem Timóteo, de Listra, tido pelo experiente Paulo como um filho, "de mesma alma" (Filipenses 2:19-23). A estratégia da nova comitiva paulina era deslocar-se do Oriente (Síria) para o Ocidente (Europa). Para isso, nada melhor que ir à cidade tida, na época, como a "porta da Europa", o que otimizaria tempo e recursos. Eles chegam, assim, a Filipos, uma colônia romana no entroncamento dos continentes. A cidade era como uma "mini-Roma": lá se falava a mesma língua, adotavam-se os mesmos costumes e leis, sendo um local perfeito para se espalhar uma ideia, inclusive para as outras províncias. Ana Paula Scarpa testifica a intenção do apóstolo com auxílio das afirmações do autor Wayne Meeks da seguinte forma:

A Via Egnatia foi fundamental para o trânsito paulino ao redor do Egeu, referência central às áreas de atuação do apóstolo, além de abrigar em seu trajeto cidades portuárias estratégicas utilizadas no deslocamento marítimo de Paulo – como Neápolis e Trôade –, e centros urbanos – como Filipos e Tessalônica – que foram fundamentais na formação das primeiras comunidades de convertidos. De um modo geral, quando não utilizadas para fins administrativos e militares, essas estradas beneficiavam cotidianamente o trânsito de pessoas com fins comerciais, o que levou Wayne Meeks a observar que, não é de admirar que a difusão de cultos estrangeiros tenha acompanhado tão de perto a expansão do comércio. (SCARPA, 2018, p. 105)

Paulo pregava e exortava em Filipos, mas, como o sofrimento era um fiel companheiro tanto de Paulo quanto de seus cooperadores, logo as autoridades se levantaram contra ele, açoitando-o e jogando-o na prisão. Todavia, naquela cidade, já havia sido alcançados os três estamentos da sociedade filipense (DIAS LOPES, 2009).

Com sua sabedoria, Paulo penetra a mente de uma escrava, a de um carcereiro (servidor público) e a de uma empresária, a senhora Lídia. Por meio da insistência do incansável apóstolo, surge na cidade uma igreja. Paulo pregou até em cativo, junto a Silas, alcançando as três pessoas. Elas fizeram o resto: pregaram em tempo e fora de tempo a seus amigos e familiares. A comunidade cristã inaugurada ali posteriormente progrediu em fé e obras, enviando recursos aos pobres da circunvizinhança.

Paulo se liberta da cadeia durante um terremoto e segue viagem com destino à cidade de Tessalônica, na Grécia. Com vergões por todo o corpo, mas com entusiasmo na alma, chega à capital da Macedônia. Paulo, ao longo de seu ministério, andou mais entre os gentios do que entre judeus, mas nunca se esqueceu de seu povo. Ao chegar a uma cidade, ele procurava saber se havia uma sinagoga, em Tessalônica, ele discursou sobre a ressurreição (comum entre os judeus, como exemplo a ressurreição do filho da Sunamita no livro de Segunda Reis), pregando o Jesus do túmulo vazio (Atos 17:4). Percebe-se que a relação do apóstolo com os judeus foi sempre dicotômica, principalmente no fato seguinte: ele discursava na sinagoga para uma maioria de judeus, que percebiam pontos em comum entre a fala de Paulo e suas crenças judaicas. Todavia, um outro grupo de judeus entra em cena. Visando linchá-lo, mas dessa vez com um argumento político, e não religioso, acusando-o de estar infringindo as leis de César e promovendo levantes na população. Eles afirmavam que, com a criação de um grupo cristão, a cidade perderia prestígio e deixaria de ser capital da província (Atos 17:17).

Contudo, em meio à perseguição, a casa (*oikos*) de Jasom, servia como ponto de encontro para os cristãos de Tessalônica. Os perseguidores de Paulo incitaram as autoridades da cidade, que prenderam Jasom, o anfitrião da casa. Ele não corria risco de vida, mas a comitiva de Paulo sim. Prudentemente, eles se retiraram à noite, evitando a escalada dos escândalos (Primeira Tessalonicenses 1:5 -10), pois perceberam que a mensagem já fazia morada ali. Então, Paulo decide ir a Bereia, no sudoeste da Macedônia, onde se encontra novamente com Silas. Eles, procuram uma sinagoga e, junto à comunidade bereana, pregam sem encontrar objeções. A população aceita e promove o debate, conferindo tudo o que os apóstolos diziam nas escrituras, que mantinham preservadas no templo. O domínio de Paulo sobre a Tanakh (Velho Testamento) e a pregação do messias prometido a partir dela impressionaram as pessoas (Atos 17:11). Porém, a perseguição bate novamente à porta da comitiva. O grupo de perseguidores, liderados por judeus, também chega a Bereia, mas, dessa vez, não encontram adesão

alguma. O povo bereano, ciente de que as intenções de Paulo são as melhores possíveis, organiza rapidamente uma viagem para tirá-lo dali e dão refúgio a Silas e Timóteo, que ficam em sua companhia. A embarcação de Paulo teria como destino a cidade de Atenas.

Atenas seria o ápice intelectual de seu ministério. Em fuga, ele chega ao centro filosófico do mundo, berço de Péricles, Parmênides, Sócrates, Platão e Aristóteles. Todavia, também era o local onde estava o Panteão (templo dedicado à deusa Atena). A cidade possuía dois cenários contrastantes: se, por um lado, era o berço da pesquisa científica, da arte e da sabedoria, por outro, era o centro mundial do paganismo politeísta. Nas ruas, Paulo debatia com epicuristas e estoicos, o que o tornou famoso nos corredores da cidade e o levou ao Areópago (local físico onde se reunia o conselho). Lá, produziu um excelente discurso em favor do "Deus desconhecido", uma famosa história ateniense que remontava a um tempo longínquo de crise, quando um sábio cretense foi convidado para solucionar os problemas da cidade. Ele aconselhou o povo a levantar um altar a um deus sem nome no lugar em que as ovelhas escolhessem para descansar. Paulo conhecia bem essas palavras e as usou com perspicácia como ponto de partida para apresentar seu Deus, estabelecendo o Deus hebreu como governador das nações e fazendo uma propaganda criacionista e monoteísta no meio do paganismo grego.

Com o fim de sua prédica no Areópago, Paulo teve menos êxito: surgiram menos cristãos ali do que em Tessalônica e Bereia, porém a missão estava cumprida. Paulo decide ir a Corinto, capital da cosmopolita Acaia, onde ficava o importante porto de Cencreia, banhado pelos mares Egeu e Jônico, onde ocorriam os jogos ístmicos (segundo maior, perdendo apenas para os jogos olímpicos de Atenas). Na cidade, também estava o templo da deusa Afrodite, que possuía cerca de mil prostitutas cúlticas em suas instalações. Corinto era uma cidade movimentada, o que fez Paulo perceber a necessidade de propagar o evangelho. Ele ficou na cidade por dezoito meses, e ao menos no princípio surgiu uma comunidade cristã vibrante. Porém, logo apareceram os primeiros problemas: a circulação de pessoas na cidade, e por consequência a circulação monetária, era muito grande.

Corinto era a cidade dos jogos e do grande templo. As pessoas da cidade tinham um poder aquisitivo alto, e a igreja também. Todavia, foi nessa cidade que Paulo mais trabalhou em serviços braçais (ele dominava o ofício de tendeiro). A igreja não ajudava nem a missão paulina nem enviava donativos às outras igrejas, ao contrário da pobre igreja da Macedônia, que o fazia com prazer. Paulo enfrentou, entre os cristãos da Igreja

de Corinto, imoralidade sexual e desigualdade na prática da Ceia do Senhor. As pessoas dali tinham o coração duro e levavam as querelas entre os irmãos da Igreja para os tribunais comuns, manchando a imagem da comunidade e afastando novas conversões. Além de todos esses problemas, A perseguição não se afastou de Paulo. Durante uma de suas pregações, judeus o agarraram e o levaram perante o procônsul da cidade, Lúcio Júlio Gálio, que, segundo Vielhauer, era um dos irmãos de Sêneca. Gálio decidiu não interferir em questões judaicas, deixando que Paulo seguisse pregando.

Corinto gerou a igreja pela qual Paulo teve maior insistência. Por aquelas pessoas, ele derramou lágrimas que, por fim, surtiram efeito. Dali, o apóstolo obteve seu maior celeiro de colaboradores itinerantes, o que o fez rumar a Éfeso despreocupado. Antes, porém, ele escreveu cartas aos gálatas, aos tessalonicenses e à igreja de Roma. A carta foi a estratégia de contato com as igrejas que Paulo utilizou durante boa parte de seu ministério. Dennis Duling, no livro *The New Testament: History, Literature and Social Context* (2003), define a intenção paulina da seguinte forma:

a carta funcionou como continuação da comunicação de Paulo quando ele estava ausente, isto é, ele podia esclarecer seus ensinamentos, auxiliar a congregação, admoestar os membros desviantes, defender a si mesmo contra aqueles que desafiavam sua autoridade. (DULING, 2003, p. 216)

Em Éfeso, capital da Ásia Menor, o apóstolo se deparou com uma das maravilhas do mundo antigo: o Templo de Diana. Para os romanos, era o centro mágico de toda a Ásia Menor. Paulo percebeu que era um local fértil para a pregação, pois os efésios clamavam pelo sobrenatural. Mesmo antes da chegada de Paulo, a cidade girava em torno do templo; a vida acontecia em torno daquela construção. Todo o contexto fez com que Paulo se interessasse intimamente por aquelas pessoas. Ele enfrentou todo tipo de perseguição para pregar a todos que viviam na cidade. Posteriormente, todo o seu sofrimento foi compensado: houve uma *metanoia*, uma mudança de pensamento na cidade. Algo inédito ocorreu: os cidadãos foram às ruas e queimaram seus "livros" de magia (Atos 19:19) demonstrando a influência paulina na cidade.

Tudo parecia bem (um momento estranho na trajetória de Paulo) até que o comerciante de estatuetas Demétrio, que sofria financeiramente com a guinada cristã da

cidade, se levanta contra a comitiva. Um vendedor de estátuas de deuses, ele é, sem dúvida, o principal prejudicado pela ação de um evangelista. Demétrio incita pessoas da cidade que compartilham do mesmo sentimento contrário à pregação, tramando matar a Paulo. Entretanto, temendo uma guerra civil, o escrivão da cidade intervém na situação. Paulo sente que é hora de voltar para Jerusalém. Já havia se passado muito tempo desde a última vez, mas ele escreve epístolas (Gálatas, Coríntios, Colossenses, Filipenses) antes de partir, fazendo de Éfeso o maior centro de transmissão de cartas. As cartas aos Coríntios encontrariam o colaborador Apolo, que trabalhou mais do que qualquer outro colaborador em uma igreja. As confusões em Corinto eram tão grandes que levaram Paulo a escrever uma carta de recomendação geral a todas as igrejas, partindo do exemplo coríntio. A Primeira Carta aos Coríntios possui uma série de recomendações acerca de castidade, forma de culto, vestes e outros variados temas. A igreja dava tréguas, mas nunca deixou de ser uma das principais preocupações do apóstolo.

Em seguida, ele decidiu cumprir a promessa feita no início de seu ministério: não se esquecer dos pobres da Judeia. Na sua visão, não adiantava conquistar os corações de todos os gentios, principalmente dos habitantes de cidades ricas, enquanto seu povo padecia de fome. Isso porque a situação política em toda a Israel era caótica, devido às pequenas guerras entre o povo judeu e os romanos. Assim, Paulo decidiu partir para Jerusalém com todos os donativos que havia recolhido nas igrejas da Macedônia. Antes, porém, ele precisava se despedir de seus amigos efésios. Do porto de Mileto, ele se juntou aos presbíteros da Igreja Efésia. Ajoelhados, eles se abraçaram, representando um dos momentos mais belos e, ao mesmo tempo, tristes da caminhada paulina. Eles temiam não ver o apóstolo nunca mais, mas Paulo estava decidido a cumprir seu papel principal: ajudar os pobres, mesmo que isso significasse enfrentar os perigos de Jerusalém.

3.3 A terceira viagem paulina

Paulo, agora quase um senhor, já havia sido açoitado, apedrejado, preso e difamado diversas vezes. As perseguições o preocupavam muito e o faziam perder o sono, pois temia pela vida dos amigos feitos nas tantas cidades por onde passara. Ele também já havia sofrido com catástrofes naturais em suas muitas viagens, passando até fome em algumas situações (Filipenses 4:12), mas continuou trabalhando em prol do evangelho, cumprindo o compromisso firmado no caminho de Damasco com Ananias. Apesar de

toda a sua história falar por si só, o sábio, versado na ciência, na filosofia e na religião, ainda era tido como um miserável. As situações da vida entristeciam Paulo, mas nunca o fizeram esmorecer, pois a missão lhe devolvia a alegria. Ele tinha prazer em sua memória dolorosa, mas longe de ser um masoquista, via propósito em seu passado e enxergava no sofrimento a função de amar a Cristo (segunda aos coríntios 12:10).

Ao chegar a Jerusalém, Paulo é recebido com ódio. Os judeus, agora em sua terra, tramam sua morte. O grupo que antes era defendido por Paulo, os fariseus, agora o acusam de defender ideais contrários às leis de Moisés e de infiltrar estrangeiros no templo. Lucas e outros discípulos, que o haviam recebido da melhor forma possível, clamavam para que Paulo se afastasse da cidade, mas ele afirmava estar pronto para morrer por Cristo (Atos 21:13). O apóstolo dos gentios exorta no templo dos judeus (o acesso dos cristãos ao templo de Jerusalém era limitado, mas ocorria naquela época). Movidos por ódio, eles arrastam Paulo para fora do templo, decididos a matá-lo. Percebendo a confusão, soldados romanos intervêm e o levam acorrentado à presença do comandante da fortaleza Antônia. Ao subir as escadarias do edifício, Paulo pede a um dos soldados que o deixe falar com a multidão. O historiador Lucas relata o ocorrido da seguinte forma:

E, havendo-o permitido, Paulo, pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo; e, feito grande silêncio, falou-lhes em língua hebraica, dizendo: Irmãos e pais, ouçam agora a minha defesa. Quando ouviram que lhes falava em aramaico, ficaram em absoluto silêncio. Então Paulo disse: Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados, sendo tão zeloso por Deus quanto qualquer de vocês hoje. Persegui os seguidores deste Caminho até a morte, prendendo tanto homens como mulheres e lançando-os na prisão, como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todo o Conselho, de quem cheguei a obter cartas para seus irmãos em Damasco e fui até lá, a fim de trazer essas pessoas a Jerusalém como prisioneiras, para serem punidas. (Atos 21:40 e Atos 22:1-5)

Logo após essas palavras, Paulo afirma ter sido mudado pelo mesmo grupo que perseguia. Ele diz conhecer todas as questões que a multidão poderia levantar e, mesmo assim, está convicto de sua salvação e da nova vida que escolheu. Ele continua o discurso afirmando que o Deus que os judeus adoravam era o mesmo, que havia o enviado aos

gentios. Neste momento, a multidão se enfureceu sobremaneira, e os soldados o levaram para dentro da fortaleza. O comandante Cláudio Lísias ordenou que seus soldados descobrissem os motivos de tamanha perseguição contra aquele simples homem. Os soldados deveriam açoitá-lo e torturá-lo. Paulo, porém, usa de sua astúcia e evoca sua cidadania romana, evitando o chicoteamento sem julgamento previsto em lei (Atos 22:22- 30). Surpreso, o comandante manda chamar os sacerdotes do Sinédrio para inquirir Paulo junto com ele. Assim que se vê na presença de todos, Paulo afirma que está cumprindo os desígnios de Deus. O sumo-sacerdote manda que batam no rosto de Paulo. Logo após o episódio de fúria do líder judaico, Paulo se apresenta ao grupo como fariseu e pergunta aos saduceus presentes sobre suas crenças na ressurreição, afirmando acreditar nela, assim como os fariseus, o que gera uma confusão entre os dois grupos. Cláudio ordena que os soldados o retirem dali. Os judeus, ao saberem que Paulo continuava vivo, afirmam estar amaldiçoados enquanto ele estiver vivo e pedem para que ele seja trazido novamente ao Sinédrio, onde tramam sua morte.

No entanto, um sobrinho de Paulo descobre os planos deles, vai à fortaleza e se encontra com seu tio, que o envia ao comandante. Partindo da informação, o comandante decide enviá-lo ao governador em Cesareia de Filipe (centro administrativo romano na Judeia), livrando-o da morte (Atos 23:16-25). Paulo chega à presença de Félix junto a uma carta do comandante Cláudio. Nela, ele afirma que Paulo é um homem inocente, preso por questões puramente religiosas, e que, por ser romano, não poderia simplesmente entregá-lo à multidão sanguinária. Lendo a carta, Félix manda prender Paulo para que ele aguardasse as acusações do Sinédrio.

Após cinco dias, os membros do Sinédrio chegam à presença de Félix, acompanhados de anciãos do povo e de um especialista em oratória, contratado pelo grupo, chamado Tertúlio. Ele se apresenta, expõe o libelo acusatório e faz elogios ao governador. Em seguida, chama Paulo de agitador e o acusa de profanar o templo do Senhor. Ao fim da verborragia, Paulo se defende com uma retórica excelente e derruba uma a uma as acusações. Paulo não era um homem à frente de seu tempo. Pois homens assim não existem, mas ele havia compreendido muito bem seu mundo, podendo se defender com maestria frente a toda uma plateia de acusadores. Ele ainda reforça a doutrina da ressurreição, firmando-se novamente como favorável a essa questão dos fariseus. Assim, Félix encerra as falas, postergando o julgamento. Ele decide esperar por

Lísias, que estava mais por dentro das questões, mantendo Paulo sob custódia do centurião.

Cláudio Lísias vai até Félix, mas pouco se resolve. Félix, querendo agradar os líderes judeus, mantém Paulo preso no palácio de Herodes. Com o tempo, Félix se interessou por Paulo, um homem misterioso. Ao longo de várias conversas, Paulo expôs noções cristãs sobre justiça e domínio próprio, rejeitadas pelo governador. O ponto em comum entre eles era a esposa de Félix, uma judia. A convivência, no entanto, não fez com que o governador agisse com justiça para com Paulo. Pelo contrário, em algumas ocasiões, o governador quis obter propina dos donativos que Paulo levava à Judeia, os quais já haviam sido sabiamente entregues à Igreja de Jerusalém.

O tempo passou e Félix foi deposto do cargo devido a questões anteriores entre Cesareia e o povo judeu (Félix cometeu várias atrocidades contra eles), o que fez com que Roma o trocasse por Pórcio Festo. Festo assume o cargo, mas, antes de ir a Cesareia, passa por Jerusalém visando uma aproximação inicial com os judeus. Logo que chega, os judeus o inquiram sobre a situação de Paulo e pedem para que o traga à cidade. Festo não atende a esse pedido. Todavia, ele reúne um grupo dentre eles para novas rodadas de acusações contra Paulo, que se defende de todas e afirma não ter feito nada contra as leis judaicas, nada contra o Templo e nada contra César. Sabendo que o caminho de Jerusalém significava uma morte cercado por uma multidão de seu próprio povo, ele afirma:

— Estou agora diante do tribunal de César, onde devo ser julgado. Não fiz nenhum mal aos judeus, como bem sabes. Se, de fato, sou culpado de ter feito algo que mereça pena de morte, não me recuso a morrer. Contudo, se as acusações feitas contra mim por estes judeus não são verdadeiras, ninguém tem o direito de me entregar a eles.
Apelo para César! (Atos 25: 10 – 11)

Festo aceita o pedido, procurando fugir de problemas ainda maiores. O último discurso de Paulo é um golpe tanto na hipocrisia judaica quanto na frouxidão do mais novo governador da Cesareia. Paulo assume estar pronto para a morte, mas permanece em Cesareia até que a embarcação esteja pronta, tempo necessário para seu último encontro com uma autoridade judaica. Dessa vez, trata-se do tetrarca Agripa e de sua mulher, Berenice. Eles procuram saudar o novo governador, mas acabam visitando o

prisioneiro. O casal não acreditava nas acusações judaicas. Paulo é trazido à presença deles com roupas novas e, diante de um grande auditório, produz um lindo discurso em favor de sua trajetória. Ele afirma ter sido membro do Sinédrio, ter viajado boa parte do mundo conhecido e afirma manter sua fé nos profetas do povo de Agripa (Atos 26: 15- 27). O tetrarca confia no testemunho de Paulo, mas teme perder prestígio junto a Roma e se cala diante da verdade, mesmo sabendo que Paulo não precisaria ser enviado a Roma e deveria ser solto ali mesmo. Mais uma vez, o espetáculo se encerra sem nenhuma definição.

Paulo embarca para Roma. O sonho do jovem livre está se realizando pelo prisioneiro e velho apóstolo, mas sem nenhum tipo de melancolia. Na visão dele, tudo estava sob um plano de Deus. Portanto, mesmo diante da perspectiva de morte iminente, ele traça planos para viagens futuras. A embarcação que o levaria era grande e firme, e seus comandantes, homens experientes. No entanto, o tempo não os favorecia, e Paulo levantou sua voz para alertar sobre o perigo iminente. O centurião decidiu dar ouvidos ao comandante, ignorando a opinião daquele velho prisioneiro (Atos 27: 12).

Logo, um tufão anunciado por Paulo chega ao mar, e o navio perde o controle. Eles decidem jogar as bagagens ao mar. A morte parecia ser o destino daquele comandante, dos marinheiros, da tripulação e dos prisioneiros (cerca de duzentos). O relato de Lucas é importante para a história como um todo, pois é um dos mais detalhistas sobre a navegação antiga. Ele faz uma descrição gráfica dos ocorridos (Atos 27: 1 - 44).

Nesse momento, Paulo evoca a coragem de todos os homens presentes. Ele não é um profeta do caos, mas um agente da vida (DIAS LOPES, 2009). Eles lançam as âncoras e se mantêm firmes. Mais tarde, eles atracam em uma ilha com o barco em pedaços. Após perderem tudo, mas com vida, chegam a Malta. Os malteses percebem que se trata de um homem religioso e o levam à casa de Públio (homem forte da ilha), para que orasse pelo seu pai enfermo. As palavras de Paulo convencem os malteses de sua índole, e eles ajudam a consertar o barco e a abastecer a viagem. Portanto, finalmente Paulo vai chegar ao centro imperial do mundo.

Já em Roma, Paulo é submetido à prisão domiciliar (Atos 28:30), ficando sob vigilância constante de soldados da guarda pretoriana. O indefeso Paulo era tratado como um criminoso perigoso, mas possuía regalias voltadas a cidadãos do império: tinha liberdade para receber pessoas e enviar cartas. De Roma, ele envia cartas aos efésios (um

tratado eclesiástico), filipenses (carta de alegria e felicidade em servir a Cristo), colossenses (postulado sobre a doutrina cristã) e ao senhor Filemon, na qual pede que ele perdoe a fuga de seu escravo. Esta carta será abordada em detalhes no próximo capítulo. A carta à igreja que se reunia em Roma foi enviada pelo apóstolo quando ele ainda estava em Corinto, e é o maior tratado teológico de todo o Novo Testamento.

Durante sua prisão, Paulo pregava aos soldados, que se revezavam de quatro em quatro horas, e possivelmente suas palavras chegaram aos ouvidos do palácio. A perseguição a judeus e cristãos na cidade de Roma era uma realidade desde 49 d.C., sob o comando de Cláudio, que decretou a expulsão deles da cidade durante o mandato de Nero, que começou no ano 54 d.C. A perseguição atingiu seu ápice com o incêndio de Roma em 18 de julho de 64 d.C., quando a cidade queimou por seis dias, destruindo 10 dos 14 bairros. Nero culpou os cristãos, cujos remanescentes estavam em dois dos bairros não atingidos, intensificando a perseguição. Em meio a todo esse contexto, Paulo, estava em Roma, não se sabe se estava livre entre suas duas sentenças ou se já estava preso em uma cadeia comum. Paulo era visto por Roma como o líder de todos os cristãos e foi martirizado por volta do ano 67 d.C., por pena de decapitação. As cartas comumente ligadas a esse período serão tratadas com maior atenção no capítulo que se segue.

CAPÍTULO 4

A CARTA AO SENHOR FILEMON E AS PASTORAIS

A carta é o gênero literário mais utilizado no mundo antigo e uma das mais antigas formas de escrita, sendo também a maneira mais comum de propaganda de ideias, orientação e troca de informações dentro do cristianismo. A elaboração de cartas era incentivada nas escolas das sociedades romano-helenísticas. Gustav Deissmann faz uma diferenciação entre as cartas neotestamentárias: as não literárias, que servem apenas para a correspondência, e as literárias artísticas, chamadas epístolas. Para que uma carta seja verdadeira, ela deve possuir um endereço delimitado e um correspondente (que pode ser uma pessoa ou uma localidade). Sobre as cartas paulinas, Vielhauer postula:

Paulo escreve a suas comunidades na qualidade de apóstolo; as cartas devem ser lidas na reunião da comunidade (1 Ts 5.27), levadas ao conhecimento de comunidades vizinhas (2 Co 1.1) ... com todos os santos em toda a Acaia, e talvez também devem ser intercambiadas com cartas a outras comunidades (se for permitido aduzir Cl 4.16 para a prática paulina), como cartas apostólicas, elas possuem caráter público, oficial e autoritativo. (VIELHAUER, 2005, p. 92)

As cartas paulinas visam resolver problemas e substituir a ausência da presença física de Paulo. Ele geralmente as escrevia em papiros, que eram enrolados e enviados por seus mensageiros. Possuíam endereço na parte exterior e uma estética de formulário, iniciado por um pré-escrito, por vezes na forma grega, mas comumente na forma oriental, com palavras como “alegra-te” ou “salve”. A conclusão das cartas também possui um padrão: “A graça do nosso Senhor Jesus Cristo seja com vocês”. verificado em (1 Tessalonicenses 5:28). Vale ressaltar que Paulo não julgou ser um escritor como prioridade, mas possui um legado literário ligado às suas cartas.

Geralmente, Paulo ditava suas cartas. A exceção está em sua única carta estritamente particular, a Filemom, na qual ele escreveu de próprio punho. Geralmente, ele escrevia apenas as saudações. Todavia, ele não cita seus colaboradores apenas como coautores; eles são responsáveis juntos a ele pela mensagem. As cartas deveriam ser lidas

nas assembleias (igrejas), como ato político ou por motivos de culto, como no caso da ceia. A narração paulina para a escrita realizada por seus colaboradores não era uma ação involuntária; Paulo tinha intencionalidade nisso. A escrita ficava ligada de forma intrínseca à oralidade paulina, dotando as cartas de informalidade quando necessária, como no caso das orações para as comunidades, e de excesso de formalidade para contribuir com efeitos sonoros na descrição de eventos, em paralelismos e antíteses. As cartas possuíam referências a personagens históricos do povo judeu. Em Gálatas, Paulo faz referência à relação entre Sara e Hagar; em Coríntios, ele traça paralelos com o que chama de "geração que se perdeu no deserto" (I Coríntios 10:1). Esses fatos representam o cabedal histórico e narrativo do apóstolo, o que será abordado mais a fundo neste capítulo.

4.1 A carta a Filemom

Ela possui um valor histórico imenso para a carreira paulina, pois é a única carta inteiramente escrita por Paulo a próprio punho. A maioria dos historiadores concorda que é a carta em que o apóstolo mais aborda questões sobre a escravidão; antes, ele havia usado o tema apenas para construir metáforas. Ela possui um prefácio, que está escrito da seguinte forma: “Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, a Filemom, nosso amigo e colaborador, e também à irmã Ápia, a Arquipo, nosso companheiro de luta, e à igreja que se reúne na casa de Filemom. Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês” (Filemom 1-3). Em seguida, há um próêmio no qual Paulo pede pelo acolhimento cordial de um escravo fugitivo chamado Onésimo (8- 20). Na conclusão, ele anuncia uma possível visita à igreja que se reunia na casa de Filemom no futuro e, por fim, saúda toda a comunidade.

A carta foi escrita em uma prisão, provavelmente em Roma, quando ele cumpria a pena em regime domiciliar. Portanto, ainda estava em contato com muitos amigos e colaboradores. Inicialmente, o apóstolo menciona outros membros da comunidade, mas, a partir do versículo quatro, Paulo se dirige somente a Filemom. Em um pedido íntimo, ele incita a compaixão de Filemom, um convertido ao cristianismo. O antes escravo, Onésimo, havia fugido levando bens de seu senhor. A lei romana aplicada a esses casos gerava punições frequentemente cruéis, que podiam incluir tortura, marcação com ferros

em brasa ou até mesmo a morte. Escravos não possuíam personalidade jurídica, sendo tratados como mercadoria.

A carta não traz uma descrição sobre a localização da casa de Filemom, mas, ao escrever aos colossenses, Paulo menciona Onésimo como um cooperador: "Juntamente com Onésimo, amado e fiel irmão, que é dos vossos; eles vos farão saber tudo o que por aqui se passa." (Colossenses 4:9). Paulo nunca esteve fisicamente em Colosso, mas conheceu Onésimo durante sua fuga. O contato entre os dois gerou uma amizade, e o fugitivo se tornou amigo de Paulo. Diante da questão jurídica, Paulo decide enviá-lo ao seu senhor, mesmo desfrutando de sua companhia. Todavia, preocupado com o futuro do amigo, Paulo o envia junto a uma carta. Essa carta é composta com maestria: Paulo joga com sua autoridade apostólica e logo em seguida a retira, colocando a decisão a cargo de Filemom deixando-o com a consciência aferroada. Paulo afirma que Onésimo era como um filho e pede que Filemom o acolha como se fosse o próprio e, busca assumir todos os prejuízos causados por ele.

No curso de História, um dos maiores debates gira em torno da chamada "docificação", que aparece durante as aulas da cadeira de História do Brasil. Em *Casa Grande e Senzala* (1933), Gilberto Freyre idealiza a formação da sociedade brasileira com uma perspectiva pacifista da relação entre os povos presentes no Brasil, proposta inovadora para a época. Diante do racismo de base darwinista (fruto de uma interpretação errônea das teses de Darwin), Freyre estabelece a "raça brasileira" como fruto da miscigenação, mas acaba por minimizar a estrutura escravocrata e violenta presente no Brasil. Portanto, a interpretação das teses de Freyre, principalmente a estadonovista, maquia a escravidão com a chamada "docificação", plantando uma harmonia inexistente no Brasil colonial.

Leituras posteriores, como as do sociólogo e historiador Florestan Fernandes, mostraram que nada se tornou mais doce na escravidão brasileira, nem nas teses de Freyre nem na propaganda das ditaduras brasileiras. Paulo de Tarso, porém, se interessa por deixar a vida daquele escravo mais doce por meio de suas palavras, sem questionar a estrutura da escravidão de sua época. Essa não era a intenção de Paulo. Ele não questiona as "estruturas de dominação", pois isso geraria levantes e mortes. Paulo questiona aquela situação específica: Onésimo, ao que tudo indica, seria condenado à morte. A carta a Filemom é um dos poucos pedidos claros de liberdade a um escravo de que temos registro na antiguidade. O mesmo Paulo que, ao escrever aos coríntios,

aconselha os escravos a permanecerem em seu estado, pode ser o autor da carta que aconselha um dominus a libertar seu escravo, pedindo uma manumissão (libertação legal). A carta extrapola a ordem social e vai contra os interesses da classe dos proprietários (VIELHAUER, 2005).

4.2 Questões sobre autoria

O termo "pastorais" é usado desde o século XVIII para designar as duas cartas a Timóteo e a carta a Tito, pois elas contêm instruções para a direção da comunidade "pastoreada" por esses destinatários. As pastorais formam um grupo homogêneo dentro do corpus paulino por sua forma literária e teológica. Embora Vielhauer queira tratar majoritariamente da importância delas para o cristianismo, não deixa de tratar de questões sobre a autoria das cartas. O principal ponto é que a linguagem estilística usada nas Pastorais não seria de Paulo. Nem se trata de comissários em contato com o apóstolo. As cartas teriam sido escritas cerca de cem anos após a morte de Paulo. As Pastorais não se encaixam na biografia paulina, que estaria condensada entre Atos 9:38 e Atos 28:30. Todavia, as Pastorais não perdem seu valor histórico e muito menos religioso, como testemunham as seguintes palavras:

nada impede que se continue a considerar as cartas pastorais como parte integrante do conjunto das cartas paulinas, uma vez que, em linhas gerais, na base da teologia das cartas pastorais, está a teologia paulina, colocada diante de novas situações e, não poucas vezes, expressa com um vocabulário diferente daquele das cartas protopaulinas, o que, não raro, chega a causar estranheza à fineza do leitor assíduo das cartas de Paulo. (FABRIS, Rinaldo, 1992, p. 221)

4.3 Os destinatários e as pastorais

Os destinatários das cartas pastorais são dois dos maiores cooperadores de Paulo: o primeiro é Timóteo, de Listra. Ele foi citado como colaborador em Atos 16 e também é mencionado como colaborador paulino nos prefácios das cartas aos Tessalonicenses, Coríntios e Filipenses. Paulo o enviou em viagens de Atenas para a Macedônia, de Éfeso

para Corinto e de Filipos, em uma de suas prisões. Ele também acompanhou Paulo na volta a Jerusalém para a entrega das coletas, mas não é mais mencionado.

Tito, mencionado apenas nas cartas e não em Atos, aparece como grego convertido ao cristianismo na carta aos Gálatas. Ele estava com Paulo no Concílio de Jerusalém, quando o apóstolo discursou em favor da liberação dos gentios quanto às leis judaicas. Esse fato sugere uma proeminência de Tito no meio cristão, pois ele era um dos responsáveis pela Igreja de Corinto, a comunidade que mais problemas causou a Paulo. Não é surpresa que os dois fossem os responsáveis pela continuidade da atividade paulina. A relação intrínseca entre o autor da Carta a Tito e Paulo está na mesma referência usada por ambos. Paulo, em Atenas, utiliza uma velha história da cidade como ponto de contato entre a pregação e o povo. Como já tratado neste trabalho, o personagem principal do relato, sendo ele real ou não, é o mesmo citado em Tito: Epimênides (que viveu por volta de 600 a.C.), foi um filósofo de Creta, a mesma cidade para onde Tito estava sendo enviado. Durante a pregação, Tito deveria exortar o povo com base nas palavras de Epimênides, que anunciavam a derrocada da cidade.

A linguagem e o estilo das Pastorais diferem tanto das outras cartas paulinas que nem mesmo os defensores mais ferrenhos da autoria de Paulo negam esse ponto. Porém, o debate em torno da questão da autoria nunca deixou de existir. R. Marguthaller verificou cerca de 300 vocábulos exclusivos das Pastorais. Dentre eles, alguns nem eram empregados majoritariamente antes do século I d.C. Percebe-se também a falta de termos comuns a Paulo. Vale ressaltar que a constituição de presbíteros aparece apenas nas Pastorais, não sendo comum ao restante das cartas paulinas. A divisão ministerial das igrejas durante as Pastorais é algo mais recente que a vida de Paulo. Além disso, as Pastorais apresentam uma sintaxe mais próxima do grego do que do estilo semita tradicionalmente utilizado por Paulo. A língua grega era comum ao povo judeu devido ao processo de helenização, principalmente durante as conquistas de Alexandre (IV a.C. ao século II d.C.), que influenciaram sua cultura. Um exemplo disso é a circulação do grego (*koiné*) entre o povo. No entanto, mesmo em língua grega, o estilo de construção de frases de Paulo nunca deixou de ser semita.

Perceber as diferenças claras entre as pastorais e as "cartas hegemônicas" não significa que elas estão desprendidas de Paulo. Os autores desconhecidos dessas cartas almejam ser um complemento de seu ministério; o próprio uso de seu nome pode servir a isso. Temos como exemplo a escrita cristã em forma de parênese. Essa escrita serve ao

catálogo de virtudes domésticas, muito utilizado pelo apóstolo, e é empregada nas pastorais. Por sua vez, elas valorizam a casa, o matrimônio e a família, em uma espécie de constituição da família cristã, dando à teologia paulina uma perspectiva que antes girava em torno da peregrinação e lhe conferindo um ar doméstico, como descrito a seguir:

É preciso que o presbítero seja irrepreensível, marido de uma só mulher e tenha filhos crentes que não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão. (Tito 1:6)

As duas primeiras pastorais são um convite à cidadania, mas não significam a ocupação de cargos públicos. O termo "cidadania cristã" representa o compromisso com a casa e a comunidade eclesial. Portanto, as duas primeiras pastorais são cartas paulinas simuladas por endereço e conteúdo. Os destinatários são pessoas individuais (conhecidos colaboradores), ao contrário da Carta a Filemom. Elas não têm caráter individual, mas são destinadas a "delegados apostólicos" (Vielhauer, 2005), responsáveis por zelar pelas províncias de Creta e Éfeso. Possuem, portanto, um caráter católico, ou seja, universal dentro do cristianismo.

4.4 O combate aos falsos mestres, teologia e religiosidade das pastorais

O principal objetivo das pastorais gira em torno da consolidação de uma ordem eclesiástica. Para isso, testemunham várias formas de combater heresias, tanto como um fenômeno atual quanto como uma previsão futura. Os adversários seriam membros do crescente "movimento gnóstico", não se sabe se entre os judeus ou cristãos. Entre as chamadas heresias, "heresia" neste caso, possui um sentido diferente do moderno. Sendo mais comum a uma divergência teológica. Dentre elas estavam a afirmação de que a ressurreição do corpo já havia ocorrido (ressurreição que está presente no Apocalipse de João, como um evento escatológico). O grupo pregava contra o casamento e praticava alguns tipos de abstenções alimentar não judaicas. Eles afirmavam tais coisas como se fizessem parte de alguma lei (1ª Timóteo 1:7).

As pastorais não se inserem na tradição paulina, apenas de forma subjetiva, pois possuem vários elementos da tradição apostólica, como a justificação pela fé (Tito 3:5).

Nas pastorais, ocorre também a eleição de uma sã doutrina, que tem em Paulo um modelo: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo.” (I Carta aos Coríntios, 11).

O termo "sã", junto à doutrina, propõe um lugar de elevação à mensagem e substitui o termo "evangelho", muito utilizado por Paulo. Assim como o "princípio de não contradição" das teorias aristotélicas, a "sã doutrina" está presente nas pastorais, expressando uma religiosidade com padrões éticos elevados.

4.5 A última carta paulina que temos registro

O principal argumento contra a autoria de Paulo da Segunda Carta a Timóteo seria o fato de que o cooperador Trófimo, citado na carta como aquele que havia sido deixado enfermo em Mileto, não estaria na cidade, mas sim junto a Paulo em Jerusalém, sendo um dos motivos da perseguição (Trófimo seria um dos gentios que estavam com Paulo no templo). Existem ainda questões sobre a forma de escrita, descritas anteriormente. Contudo, a partir das fontes levantadas para este trabalho, não consigo encontrar justificativas comprobatórias para a não participação do apóstolo nesta carta em específico. No máximo, elas colocam em dúvida uma suposta autoria, ou seja, se Paulo não escreveu a carta, ao menos participou de sua elaboração em vida. A discussão sobre o tema será proposta a seguir, com base nas referências levantadas.

De antemão, exponho que a posição da carta como segunda não significa que ela tenha sido escrita após a primeira, de forma cronológica. Isso porque os cânones neotestamentários que estipularam essa ordem foram estipulados centenas de anos após a morte de Paulo. Quanto à questão de Trófimo como limitador da autoria, o contexto não estabelece uma data para a ida de Trófimo a Mileto. A cidade era um centro de pesquisa, berço de vários filósofos pré-socráticos. Foi pioneira na região da Jônia no afastamento da medicina em relação ao misticismo e um dos centros de tratamento da época. Possivelmente, o envio a essa cidade seria uma precaução da comitiva paulina frente à situação do amigo.

Paulo chega a Roma preso e, ali, durante uma prisão domiciliar bastante específica (em casa alugada pelo próprio Paulo), alcança até mesmo autoridades palacianas. Na carta à igreja de Filipos, Paulo faz questão de mencionar, nas saudações, os santos ou crentes da casa de César (Filipenses 4:22). Essa influência paulina teria incomodado o César de

sua época, Nero, que manda transferi-lo e a outros cristãos para prisões comuns chefiadas por um prefeito. A perseguição romana contra cristãos que se intensificou entre os anos 49 e 68 d.C. é comprovada por registros extrabíblicos. O relato de Atos conta que Paulo se encontrou com o casal Aquila e Priscila na cidade de Corinto (Atos 18:18). Eles estariam fugindo de Roma devido à expulsão promulgada pelo imperador Cláudio, registrada por Suetônio na mesma época.

4.6 Um testamento de despedida

Em algum momento da história, durante o governo de Nero, a sentença de Paulo teria sido piorada, mas, antes disso, ele teria sido solto. Alguns historiadores defendem que ele foi até Trôade (atual Turquia), de onde foi preso; outros afirmam que ele chegou à região da Hispânia (Romanos 15:24-28), como testemunhado a seguir:

Na verdade, desconhecemos o quadro político da libertação de Paulo em 62, havendo que considerar hipóteses como uma decisão imperial favorável ou uma anistia com vista a libertar presos de delito menor. É ainda provável que está se tenha verificado na sequência de um vazio jurídico ou na falta de libelo acusatório que permitisse mantê-lo preso. [...] É na sequência desta libertação que encontramos folga para a hipótese do deslocamento de Paulo à Península Ibérica. Efetivamente, é bem possível que depois de sua libertação, ele tenha encetado nova viagem. Alguns dos textos mais tardios dão como fato o deslocamento à Espanha. (RODRIGUES, 2012, p. 72- 73)

Não é possível definir até onde Paulo chegou durante esse período, mas, partindo das fontes, acredito que ele tenha permanecido mais próximo de Roma, até mesmo sob custódia, sendo preso novamente, dessa vez de forma muito pior, sem acesso a papiros e sem visitas.

A Segunda Carta a Timóteo possui uma forma de escrita própria, diferente das outras cartas paulinas e até mesmo das pastorais. Ela se apresenta como um testamento, seguindo o gênero próprio da cultura judaica empregado nos testamentos das doze tribos de Israel (texto apócrifo no qual estariam as últimas palavras do patriarca Jacó a seus

filhos), gênero que já havia influenciado o corpus paulino anteriormente. Na despedida de Paulo junto aos efésios no porto de Mileto, ele diz:

não me importo nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, desde que eu termine a corrida e complete o ministério que o Senhor Jesus me confiou: testemunha do evangelho da graça de Deus. Agora sei que todos vocês, entre os quais passei pregando o reino, nunca mais voltarão a ver-me. (Atos 20: 25,25)

A diferença de estilo e forma de escrita presentes na carta possivelmente estariam no registro de um secretário (amanuense), que teria trabalhado com certa autonomia. Possivelmente, esse secretário era Lucas. Ele viajou com Paulo para Roma (Atos 27:1) e esteve com ele até o final da prisão na cidade, enquanto o apóstolo aguardava sua execução (2Tm 4). Lucas, que era médico e oriundo da Grécia, teria acesso à prisão por sua influência e pela profissão que exercia. Paulo já não tinha mais acesso aos seus papiros, portanto Lucas provavelmente escutava as palavras do apóstolo durante visitas e as redigia em casa, empregando a sua escrita. Na carta, estão descritos o retrospecto da vida de Paulo, instruções a Timóteo, admoestações para a Igreja de Éfeso e uma longa despedida de todos os amigos queridos. A escrita visceral e detalhista é outro ponto em favor da autoria paulina, tornando difícil que tenha se dado longe do apóstolo. Amparo a hipótese na ideia de que “as diferenças de estilo em relação às outras cartas podem ser explicadas pela suposição de outro secretário de Paulo e pelo uso de tradições pré- formadas na composição dessas cartas” (Ellis, 2017, p. 186).

A ênfase da carta é alertar sobre os riscos iminentes que o jovem corria. Paulo sente as chicotadas e os grilhões, mas não é isso que mais lhe dói. Ele afirma que a dor maior está na traição. Um dos colaboradores de Paulo era o ferreiro Alexandre, que o abandonou, também testemunhou contra ele em seu julgamento. O ofício de Alexandre, que fabricava utensílios de ferro para o exército e autoridades romanas, poderia lhe conferir algum prestígio no julgamento, mas ele prefere trair o amigo e deixar Paulo sozinho frente aos acusadores (2Tm 4:14). Fígelo e Hermógenes também o deixaram. Demas, antes referido como ajudante (Colossenses 4:14), é aqui referido como um "amante do mundo". Ele também deixa Paulo, que está sozinho e quer ver o amigo Timóteo pela última vez. A solidão de Paulo não é sem motivo: Tíquico (que se juntou a

Paulo na Grécia), Aquila e Priscila (antes citados) estão a serviço do evangelho paulino em outras cidades. Aristarco está preso com ele e o ajuda a não esmorecer. No entanto, Paulo precisa conversar com Timóteo. Ele teme que o jovem venha a ter medo e o encoraja a confiar na graça de Cristo. Paulo também dá ao jovem o exemplo da coragem dos atletas olímpicos (2Tm 2: 5), e afirma que a esperança do cristão sofredor está na vida eterna.

Paulo é o professor de seus cooperadores. Ele procura ser o mais didático possível e, mesmo diante da morte, se preocupa com todos eles. Pede para que Timóteo fuja dos falsos mestres Himeneu e Fileto e de suas heresias, mas que evite contendas e conflitos, de acordo com as palavras que se seguem:

Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade, para que assim voltem à sobriedade e escapem da armadilha do Diabo, que os aprisionou para fazerem a sua vontade. (2Tm 2:25-26)

Paulo continua, dessa vez anunciando possíveis perigos, mas confia em seu aluno. Ele afirma que a fé de Timóteo nunca foi fingida e que a perseguição é inevitável, mas que, assim como ele, o jovem também há de ter forças. Por fim, exorta o jovem a nunca deixar de pregar e afirma estar sendo "derramado como oferta de libação". Essa oferta era comum nos ritos judaicos e consistia em derramar vinho no altar. Em que um cordeiro seria imolado, Paulo fala de sua morte iminente como um sacrifício a seu propósito, e ela tem cheiro de um bom vinho. A esperança dele está em outro plano.

Termina a carta, ou melhor, segundo a proposta, Lucas, escreve seguindo o testemunho paulino, afirmando a seguinte frase, que até hoje ecoa em missas, cultos e cerimônias cristãs: "Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé." (2Tm 4:7). Em outro exemplo olímpico, por fim lembra de todos os seus colaboradores e pede que Timóteo cuide de tantos quanto possível, encerrando a carta. O professor, versado em filosofia e judaísmo, e, o que é o mais importante, apóstolo, está perto de ser assassinado. Porém, diferentemente de seus pares discípulos, o cidadão romano terá uma decapitação romana; não será apedrejado nem crucificado. Hernandes Dias Lopes descreve assim o decorrer da sentença:

Posso imaginar a cena... O carrasco recebe um pedaço de couro com o nome de um prisioneiro. Munido de uma tocha de fogo e com um pesado molho de chaves, atravessa longos corredores escuros e gelados. Abre uma pesada porta de ferro e grita com voz cavernosa: “Prisioneiro Paulo! Prisioneiro Paulo! Prisioneiro Paulo!”. Do fundo da cela, o velho apóstolo, que trazia as marcas de Cristo no corpo e uma paz transcendente na alma, responde com firmeza: “Sou eu, estou aqui!”. Paulo é acorrentado e sai da masmorra, atravessando o corredor da morte. Depois de uma longa caminhada, chegam ao lugar do patíbulo. Antes de colocar a cabeça de Paulo num tosco cepo de madeira para decepá-la com a guilhotina romana, o capataz da morte lhe dá a chance de proferir suas últimas palavras. (LOPES, 2009, p.75)

Assim, Paulo reproduz sua última doxologia, "A ele glória pelos séculos dos séculos, amém" (2Tm 4:18), frente ao carrasco e no olhar de Lucas, que guarda tudo na memória. A espada desce, o poeta cai no chão, sua voz é calada, mas sua mensagem continuará perpetuamente.

CAPÍTULO 5

PAULO, APRESENTADO DE FORMA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Não há dúvidas de que tratamos, ao longo deste trabalho, de alguém que muito ensinou: Paulo influenciou a maior parte do mundo de sua época, e o cristianismo é um marco histórico que possui, entre os seus maiores percursores, um apóstolo, letrado, poliglota e, quem sabe, um professor. O teólogo e estudioso do Novo Testamento Hans Conzelmann levantou a hipótese de que Paulo poderia ter dirigido uma escola de pregadores na cidade de Éfeso. Embora essa hipótese não tenha comprovação histórica, a datação do surgimento de uma "atividade escolar cristã-judaica" estaria um pouco depois do período do cristianismo primitivo (VIELHAUER, 2005). Ou seja, Paulo participou, ao menos de forma indireta, do crescimento dos estudos acerca do cristianismo efésio e de outras províncias onde atuou efetivamente.

Não é inconcebível ver Paulo, como professor de suas comunidades, pretender sua produção literária como material didático para que seus leitores entendam melhor a época e o mundo em que ele viveu, torna-se um caminho. Após longos debates no campo da história, principalmente com o advento da chamada Escola dos Annales, a pesquisa histórica sofreu uma guinada. Se antes apenas documentos oficiais eram tidos como fontes hegemônicas, agora os historiadores deveriam procurar por "vestígios históricos". Essa estratégia daria luz não apenas a histórias estatais, mas também à chamada "história dos vencidos", buscando o máximo possível de fontes que revelassem a vida do povo ou as histórias de reinos derrotados por grandes impérios.

A adoção do cristianismo pelos diversos imperialismos europeus fez surgir um estigma em nossa sociedade: o cristianismo tornou-se a religião do "opressor europeu". A exposição das cartas de Paulo, do livro dos Atos e de fontes adjacentes com datação próxima (Suetônio, Flávio Josefo) e análises literárias mais recentes servem ao debate escolar junto aos alunos, podendo quebrar paradigmas e abrir novas possibilidades de interpretação e pesquisa. Lembro-me de um desses reels do Instagram em que um pastor americano palestrava em um centro urbano. Uma moça, possivelmente universitária, afirmava com convicção que o pastor pregava a "religião dos colonizadores". Então, um jovem estudante negro se levantou no meio da plateia e afirmou que a Bíblia etíope é

muito mais antiga que a Bíblia do rei James e que o judaico-cristianismo esteve muito antes na África do que nos impérios europeus.²

A fala do jovem não se fundamenta no "cristianismo" das cruzadas ou dos imperialismos, mas àquele que possivelmente chegou à África por intermédio de Simão de Cirene, um líbio que foi obrigado a ajudar Jesus a carregar a cruz, ou por meio das palavras do discípulo Felipe, que pregou o cristianismo a um eunuco da rainha do reino de Cuxe. O cristianismo é uma criação de judeus perseguidos pelo seu próprio povo e pelo grandioso Império Romano. A religião emergente teve seus principais porta-vozes mortos das mais variadas formas. Não há nenhuma hipótese para uma defesa de que algo dentro dos escritos neotestamentários vise um futuro império terreno. Eles não escreveram pautados por nenhuma perspectiva de ascensão financeira ou bélica. O grupo era formado por uma maioria de pobres pescadores e alguns letrados que abdicaram de todo o seu poder e riqueza para aderir ao grupo. As afirmações do jovem estudante trazem, na verdade, ao cenário histórico as "vozes esquecidas" buscadas nos annales, de um povo provinciano cercado pelo constante atrito com Roma. Sem perder de vista que o maior objetivo desses registros não é social, e sim religioso, proponho uma transposição didática a partir do tema.

A proposta gira em torno do artigo "Ao menos aqui, as mulheres têm voz?". Temas sensíveis, percursos temáticos e a História da Grécia Antiga para o Ensino Fundamental", de Guilherme Moerbeck e Juliana Magalhães dos Santos. Os autores visam, por meio da interseccionalidade entre passado e presente, descrever as ações das mulheres no mundo antigo e suas dificuldades, comparando-as com o cotidiano dos alunos. Para isso, analisam fontes gregas. Os autores comparam a posição das mulheres na Antiguidade com a vida das mulheres brasileiras antes da Constituição Federal de 1988, afirmando que não se trata de anacronismo, mas de recortes diretos de uma realidade para a outra. Sobre a importância da análise de vários tipos de fontes (documentos históricos, leis e até memes da internet), os autores afirmam:

Há uma perspectiva errônea, reproduzida, inclusive na BNCC, que leva a crer que os alunos aprenderão sobre metodologias e naturezas das fontes históricas no início do 6º ano e tão somente lá. Os livros didáticos costumam reificar esse engano, enquanto o mais frutífero seria a prática de retomar as metodologias da História a

² Bible project, VIDEOS DO CANAL, 2017. Disponível em: <https://bibleproject.com/portugues>. Acesso em 23/08/2025.

cada nova atividade, segundo às necessidades da pesquisa a ser realizada em sala de aula. (MOERBECK; MAGALHÃES, 2023, p. 197)

A proposta de transposição didática que finaliza este trabalho gira em torno da priorização de uma análise das fontes baseadas em um percurso temático que visa à análise de um tema central, paralelamente a outras temáticas exigidas no currículo escolar, neste caso, a literatura paulina. Todavia, não se trata de um debate religioso. As cartas serão apresentadas como fontes que revelam muito sobre o contexto da antiguidade e também sobre o cotidiano de um país moldado por uma ética judaico-cristã. O exercício da comparação histórica deve ser praticado para que outras fontes históricas e práticas religiosas apareçam, como no exemplo anteriormente citado, no qual Paulo usa um ritual egípcio como estratégia para estabelecer pontes de contato.

O primeiro passo do percurso temático é tentar aproximar a fonte dos alunos. Um texto sobre historiografia literária bíblica certamente torna difícil a compreensão de alunos do ensino fundamental ou médio sobre o tema, mas um vídeo do YouTube pode ser mais acessível. Uma recomendação são os vídeos do canal Bible Project, que utilizam imagens ilustrativas e possuem uma linguagem facilitada com a intenção de expor o texto. O segundo passo, chamado pelos autores Moerbeck e Magalhães de problematização, pode ser entendido também como uma contextualização das fontes. Em nosso caso, poderíamos escolher um dos textos mais polêmicos do apóstolo. Na primeira carta aos coríntios, capítulo 14, Paulo ordena que as mulheres fiquem em silêncio durante a cerimônia e tirem suas dúvidas apenas com seus maridos em casa. Uma contextualização desse texto pode apresentar aos alunos como era a cidade de Corinto e quais problemas Paulo enfrentou ali. Possivelmente, as mulheres ainda guardavam algumas práticas anteriores a conversão ao cristianismo e as compartilhavam durante as reuniões. Outro motivo é que, dentre todas as igrejas observadas por Paulo, a de Corinto era a mais imoral. A ordem do apóstolo nesse sentido é local, não global.

O professor deve mediar a análise de uma fonte e organizar condições didáticas que desafiem o aluno, visando o desenvolvimento intelectual e do pensamento crítico (MOERBECK; MAGALHÃES, 2023). Pensar na contextualização do texto citado deve levar a outros textos paulinos no decorrer da exposição em sala de aula. Ou seja, como Paulo, que faz questão de citar nominalmente todas as suas cooperadoras e testemunha os seus feitos (MALZONI, 2020), daria uma ordem tão excludente? A leitura e análise de

mais um versículo farão com que os alunos leiam e interpretem, desconstruindo velhos discursos.

Portanto, qualquer análise textual em sala de aula deve estar acompanhada das seguintes perguntas: quem escreveu, por que escreveu, quando e onde foi escrito? O contexto é muito importante quando se almeja entender uma mensagem. Os autores Moerbeck e Magalhães trazem o exemplo da Guerra do Peloponeso, que esvaziou as cidades gregas de homens, fazendo com que filósofos e historiadores escrevessem mais sobre mulheres administradoras. Portanto, todas as questões que envolvem a escrita de um material devem ser levantadas durante um percurso temático, visando o aprofundamento contextual.

O terceiro passo, chamado pelos autores de aprofundamento temático, consiste na comparação de mais de uma fonte sobre um tema. Podemos pensar, por exemplo, em outra passagem do Novo Testamento, na qual Jesus utiliza uma metáfora. No evangelho segundo Mateus, está descrito um dos discursos de Jesus, no qual ele afirma que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus (Mateus 19:24). Uma leitura rasa pode sugerir que Cristo afirmou que alguém não poderia chegar aos céus, o que, como vimos, é impossível, pois, segundo a cosmovisão cristã, a salvação é gratuita e está disponível a todos mediante arrependimento genuíno. Mas, então, o que Jesus queria dizer? Partindo de uma análise da história do Templo de Jerusalém, percebe-se que a agulha era uma porta lateral menor, utilizada quando o grande portão estava fechado. Portanto, a salvação de um rico, assim como a passagem de um camelo por uma porta menor, é mais difícil, pois, assim como o animal é muito grande, um rico ama muito suas riquezas, esquecendo-se das outras coisas. No entanto, de forma alguma está descrita uma impossibilidade.

O último passo, e não menos importante, gira em torno do aprofundamento temático, ou seja, o entendimento das simbologias empregadas no texto. Paulo é estratégico em seus discursos. Um exemplo para as aulas pode ser o discurso no areópago, quando o apóstolo cria uma ponte de contato entre ele e os atenienses por meio da história de Epimênides (antes relatada). A oratória empregada por ele pode ser explorada como exemplificação. O percurso temático deve ser finalizado por uma síntese do conhecimento adquirido, que é a parte mais simples, porém a mais importante, pois nela está a verificação do aprendizado, podendo gerar um debate, trabalho ou jogo. Os autores Moerbeck e Magalhães (2023) orientam a perguntar aos alunos o que guardaram das aulas

e como elas os ajudaram. A minha pergunta seria: Quais são as estratégias de propagação paulinas e o que ele responde sobre a antiguidade? Partindo da resposta o professor pode avaliar seu percurso, verificando o quanto foi adquirido pelos alunos em suas aulas.

CONCLUSÃO

A apresentação das Cartas Paulinas na *Bíblia de Jerusalém* descreve Paulo como um homem apaixonado, que ama seu ideal. Seja perseguido ou pregando o evangelho, ele se entregou de forma integral. Seu objetivo era transmitir seu ideal a quantos fossem possíveis, mesmo que para isso sofresse privações e perigos mortais. Ao abandonar o erro do fanatismo, Paulo se reinventou, unindo um coração ardente a uma inteligência lúcida, o que gerou admiráveis explicações histórico-teológicas, textuais e públicas. Guardando o devido lugar e fugindo da possibilidade de cometer um anacronismo, afirmo que cabe ao professor de hoje o mesmo amor de Paulo. Se não ao padecer, ao menos se preparando para uma boa exposição temática. Paulo estava preparado para perguntas e discursos de última hora. Cabe a nós, enquanto "formadores de pessoas", uma intenção e um cuidado semelhantes.

Concluo este trabalho afirmando que abordei alguém que fez parte da integração sociorreligiosa mundial almejada, em parte bem-sucedida, pelo cristianismo primitivo. As cartas paulinas são importantes para a história como um todo, e sua presença em sala de aula é relevante, pois constituem fontes que contam a história de seu mundo. As comunidades paulinas contribuíram significativamente para a construção do que chamamos atualmente de religião e convívio social. O apóstolo dos gentios influenciou reinos e serviu de fundamento para muitas de nossas decisões. Ele responde ao seu contexto e também ao nosso, mas isso não deve limitar debates nem aprisionar questões, pois a estratégia paulina sempre foi a integração.

Os estudos sobre a escrita do cristianismo primitivo vêm ganhando ampla adesão. Se antes a pesquisa se encerrava no ambiente teológico, hoje sociólogos, historiadores e linguistas se comprometem em entender o surgimento dos grupos cristãos a partir dos documentos neotestamentários, integrando saberes com o ambiente teológico. A partir dos escritos em questão, é possível compreender o império, as relações sociais e religiosas da época. Este trabalho busca analisar mais uma das facetas dos escritos paulinos, abordando questões históricas e literárias da vida e da produção do apóstolo Paulo. Da mesma forma que me amparei nas propostas da colega de curso Ana Paula Scarpa, tudo o que foi apontado aqui pode originar contribuições e levar ao debate acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Reed. versão de Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson. São Paulo: Paulus, 2014.

SCARPA, Ana Paula. *A formação das primeiras ekklesiai no mediterrâneo antigo: fronteiras e integração nas epístolas de Paulo de Tarso*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

VON RAD, Gerhard. *Os primórdios da Historiografia no Antigo Israel*. Salamanca: Gráfica Visedo, 1976.

VIELHAUER, Philipp. *História da Literatura Cristã primitiva: Introdução ao Novo Testamento aos apócrifos e aos pais apostólicos*. Santo André: Cristã, 2005.

JACKSON, Wayne. A prisão romana de dois anos de Paulo. *Revista Christian Courier*, 2025. (<https://christiancourier.com/articles/pauls-two-year-roman-imprisonment>)

MALZONI, Claudio. V. As mulheres na Segunda Carta a Timóteo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 97, p. 252-268, 2020.

MOERBECK, G.; MAGALHÃES DOS SANTOS, J. Ao menos aqui, as mulheres têm voz? Temas sensíveis, percursos temáticos e a História da Grécia Antiga para o Ensino Fundamental. *Revista História Hoje*, [S. l.], v. 12, n. 24, 2023.